

**Pró-Reitoria Acadêmica
Escola de Saúde e Medicina
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

**A PERCEPÇÃO DO UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA
VISUAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE SUA AUTONOMIA
NO ENSINO SUPERIOR**

Autora: Maura Augusta de Andrade

Orientadora: Prof^a.Msc. Andréa Dias Garzesi Souza Sobrinho

Brasília - DF

2016

MAURA AUGUSTA DE ANDRADE

**A PERCEPÇÃO DO UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA VISUAL SOBRE O
DESENVOLVIMENTO DE SUA AUTONOMIA NO ENSINO SUPERIOR**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, com requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Prof^a. Msc. Andréa Dias Garzesi Souza Sobrinho

**Brasília
2016**



Monografia de autoria de Maura Augusta de Andrade, intitulada “A PERCEPÇÃO DO UNIVERSITÁRIO COM DEFICIÊNCIA VISUAL SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE SUA AUTONOMIA NO ENSINO SUPERIOR”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de (Bacharel/Licenciado) em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, em 16 de junho de 2016, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof. Msc. Andréa Dias Garzesi Souza Sobrinho
Orientador
Psicologia – UCB

Prof. Msc. Danielle Souza da Silva
Membro da Banca
Psicologia – UCB

Brasília
2016

Dedico aos universitários com deficiências visuais. A vocês, desejo que nunca percam a vontade de estudar e vencer desafios, que possam desenvolver sempre suas autonomias, em busca de vitórias alcançadas no âmbito acadêmico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha existência, pela fé que habita em meu ser, pela proteção divina, por eu ter chegado até aqui. Gratidão imensa.

Aos meus pais, José Romão Andrade e Augusta Maria Andrade (*in memoriam*). A vocês, todo meu amor e minha gratidão.

Ao meu marido, Hélio Alves Andrade, pelo apoio, compreensão e paciência nos momentos em que estive ausente. A você todo o meu carinho.

Aos meus filhos: Ana Paula, Daniel Augusto, Sérgio Augusto, Fernando Augusto, Fabiana Alves, por terem acreditado desde o início na minha capacidade e por sempre me incentivarem a buscar meus sonhos e ideais. Amo muito vocês.

Aos meus netinhos que amo profundamente e aos amigos, por todo amor e carinho recebido e pelo incentivo nas diversas etapas de minha vida.

À professora Msc. Andréa Dias Garzesi Souza Sobrinho, pela orientação, apoio e confiança.

Agradeço a todos os professores e colegas da instituição que participaram ou contribuíram de alguma forma com a minha formação acadêmica.

Em especial, agradeço à minha colega de curso, Ana Carolina Eger, pelas estratégias e desafios que enfrentamos juntas durante o percurso de aprendizagem em Psicologia.

Obrigada,
Maura Augusta de Andrade.

"Deficiente" é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

"Louco" é quem não procura ser feliz com o que possui.

"Cego" é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores [...].

(DEFICIÊNCIA - MÁRIO QUINTANA).

RESUMO

Referência: ANDRADE, Maura Augusta. **A Percepção do Universitário com Deficiência Visual sobre o Desenvolvimento de sua Autonomia no Ensino Superior.** 2016. p. 74. Monografia em Psicologia – Universidade Católica de Brasília, 2016.

O presente estudo, de abordagem qualitativa, teve como objetivo compreender a partir da percepção do estudante, o desenvolvimento de sua autonomia, diante das configurações pedagógicas existentes no Ensino Superior, e suas expressões autônomas no processo de aprendizagem. A pesquisa foi realizada em uma instituição de Ensino Superior do Distrito Federal. A entrevista realizou-se com seis universitários com deficiências visuais de diferentes cursos, sendo que dois participantes possuem perda total da visão e quatro participantes possuem baixa visão. A pesquisa com os universitários nos permitiu conhecer seus desafios, bem como compreender o desenvolvimento e expressão da sua autonomia no âmbito universitário, observando a influência desta no processo de aprendizagem. Verificam-se na pesquisa as metas de realização, que são o desenvolvimento da autonomia do universitário com deficiência visual, o uso de estratégias de aprendizagem, a contribuição das redes de apoio que foram acionadas pelo estudante e os desafios encontrados na aprendizagem. As estratégias usadas pelos alunos tiveram uma significativa demonstração de autonomia no desenvolvimento do educando. As redes de apoio mostraram que as famílias são de total importância psicológica, para o equilíbrio emocional do universitário com deficiência visual, no que se menciona ao afeto familiar, à proteção, dedicação e ao acolhimento. Os universitários perante os desafios enfrentaram dificuldades e demonstraram uma força de vontade na superação em seus depoimentos. Os sentimentos de medo, receio, timidez, vergonha, impedem ao estudante, buscar mais apoio junto ao professor e os educadores necessitam de maiores informações e orientações, onde estes precisarão buscar mais recursos didáticos e pedagógicos necessários às demandas dos universitários com deficiências visuais. As instituições juntamente com as políticas públicas precisarão buscar alternativas concretas no que se refere à inclusão do aluno com deficiência visual, no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Universitário com deficiência visual. Desenvolvimento da autonomia. Redes de apoio. Estratégias e desafios na aprendizagem.

ABSTRACT

This qualitative approach study had the aim of understanding by the student's perception, the development of their autonomy, thus the existing educational settings in University Education, and its autonomous expressions in the learning process. The research was carried out in a University in Distrito Federal. The interview was conducted with six universities with visual disabilities from different courses. Two participants have total loss of vision and four participants have low vision. The research with the universities allowed us to know their challenges and understand the development and expression of their autonomy in the university, noting the influence of the learning process. It can be seen in the research the achievement of goals, which are the development of the autonomy of the university with visual impairment, the use of learning strategies, the contribution of the support networks that were activated by the student and the challenges in learning. The strategies used by the students had a significant demonstration of autonomy in the student's development. The support networks showed that families are great psychological importance for emotional balance college with visual impairment, as mentioned to family affection, protection, dedication and reception. The students in the view of challenges faced difficulties and demonstrated interest to overcome in their testimonies. Feelings of fear, fear, shyness, shame, prevent the student to seek more support from the teacher and educators need more information and guidance, where they will need to seek more didactic and pedagogical resources to the demands of students with visual impairments. The institutions with public policies will need to seek concrete alternatives with regard to the inclusion of students with visual impairment in the academic realm.

Key words: University visually impaired. Development of autonomy. Support networks. Strategies and challenges in learning.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL.....	12
2.2	OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	12
3	CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÕES DA DEFICIÊNCIA VISUAL	13
3.1	CARACTERISTICAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL EM ÂMBITO ACADÊMICO.....	15
3.2	ADEQUAÇÃO DO ENSINO CURRICULAR E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	18
4	DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA	20
5	DELINEAMENTO METODOLÓGICO	28
5.1	PARTICIPANTES.....	29
5.2	CAMPO DE PESQUISA.....	29
5.3	INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	30
5.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	30
5.5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	31
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
6.1	PERCEPÇÕES DOS UNIVERSITARIOS COM DEFICIENCIA VISUAL DIANTE DA CONSTRUÇÃO DE SUA AUTONOMIA.....	33
6.2	AS ESTRATEGIAS QUE O UNIVERSITARIO DESENVOLVE E UTILIZA PARA PROMOVER APRENDIZAGEM.....	37
6.3	A CONTRIBUIÇÃO DA REDE DE APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA.....	40
6.4	DESAFIOS PERCEBIDOS PELOS UNIVERSITARIOS.....	55
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
	APENDICE A	67
	APENDICE B	68

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma contribuição na tentativa de compreender a partir da percepção do estudante, o desenvolvimento de sua autonomia, diante das configurações pedagógicas existentes no Ensino Superior, e suas expressões autônomas no processo de aprendizagem. Diante disso é importante, também, compreender as estratégias que ele utiliza para desenvolver sua aprendizagem.

A pesquisa com os universitários, que possuem deficiências visuais, nos permitiu conhecer seus desafios, bem como compreender o desenvolvimento e expressão da sua autonomia no âmbito universitário, observando a influência desta no processo de aprendizagem do estudante.

O limite de aprendizagem varia de pessoa para pessoa e com os universitários, com deficiência visual não seria diferente. Eles passam por adaptações necessárias e isto faz com que os mesmos consigam acompanhar os demais colegas nos estudos, podendo assim adquirir a sua autonomia em âmbito acadêmico.

Há valor neste assunto para a sociedade, pois aborda a autonomia como um processo ligado ao sujeito como autor individual e coletivo, o qual se constitui nas relações sociais.

O estudante universitário com deficiência visual aprende em contato com os seus colegas e professores, podendo desenvolver a autonomia com desenvoltura e confiança no que aprende.

De acordo com as ideias de Vigotski (1991), a construção do conhecimento se faz através das mediações entre os sujeitos. A interação social é importante para a aprendizagem, pois amplia as capacidades individuais.

Nestas afirmações observa-se que a mediação entre os sujeitos e a interação social é um meio que influencia na aprendizagem. Em contato com as pessoas que o rodeia, o sujeito desenvolve em seu dia-a-dia a capacidade de elaborar normas próprias, ampliar suas capacidades, adaptando-se nas situações diárias, aprendendo a tomar decisões e aperfeiçoando-se no aprendizado.

O universitário com deficiência visual poderá desenvolver a sua autonomia em um sistema de relações entre os alunos e professores, numa troca recíproca neste desenvolvimento em cooperação entre os colegas e o educador, ou

seja, em um sistema de relações de um modo cooperativo cuja diversidade poderá ampliar as possibilidades de construção e crescimento dos mesmos.

As instituições educadoras necessitam reconsiderar seu papel inclusivo e ponderar o seu papel na educação especial, buscando novos mecanismos que possam estar de acordo com as necessidades das pessoas com deficiência visual.

Nas universidades o sistema inclusivo ainda é muito complexo, onde o universitário com deficiência visual enfrenta obstáculos no que tange ao acolhimento e muitas vezes este estudante poderá não encontrar facilidades acadêmicas nas instituições, dificultando seu aprendizado no ensino superior.

Conforme as idéias de Pereira (2006) observa-se que há pouco avanço nas discussões que envolvem o processo ensino-aprendizagem do universitário com deficiência visual. O que se tem ainda é insuficiente em relação às discussões referentes a este processo de ensino-aprendizagem, seja tanto dos estudantes universitários com deficiência visual como dos que possuem algum outro tipo de deficiência física e dificuldades de ordenamentos teóricos e práticos em relação ao saber. Este tipo de preocupação geralmente surge à medida que educadores se deparam com a ausência de métodos e alternativas com vistas a tal aprendizado.

Para desenvolver a autonomia em um aprendizado, o estudante universitário com deficiência visual precisará se adaptar na aprendizagem do ensino superior bem como no ambiente da instituição, sendo importante que haja adequações na organização do trabalho didático, de forma a proporcionar a inclusão destes estudantes nas propostas pedagógicas da instituição, atendendo assim as necessidades educacionais dos mesmos.

Para evitar o insucesso universitário destes estudantes, observa-se a necessidade de diversificar métodos pedagógicos de ensino. O professor precisará investigar seus conhecimentos teóricos, se existe a necessidade de serem melhorados ou renovados, ressignificando-se, avançando em maiores projetos, pesquisando sobre o tema. O professor buscará ter um preparo pedagógico de ensino ao lidar com os estudantes universitários com deficiências visuais.

Nas academias, alunos e professores, estão em busca de conhecimentos, onde se podem colocar as práticas de um ensino com valores adquiridos. Torna-se indispensável ser vivenciada a educação inclusiva, que pode trazer benefícios para o desenvolvimento da autonomia do universitário com deficiência visual.

Pretende-se analisar à problemática: Qual a percepção do aluno com deficiência visual sobre o desenvolvimento de sua autonomia diante das configurações pedagógicas existentes no Ensino Superior e os desafios encontrados por ele? Diante deste contexto, pretende-se questionar, à luz da percepção do universitário, se este percebe qual é o seu papel na universidade, de modo a levá-los a um processo ativo reflexivo sobre o seu próprio desempenho e sobre sua autonomia em desenvolvimento no ensino superior, facultando as possibilidades de uma possível autonomia construída mais conscientemente na instituição acadêmica, onde seus potenciais poderão ser valorizados.

O universitário com deficiência visual cria estratégias para minimizar suas dificuldades, desenvolvendo assim a sua autonomia com potencial de criatividade na aprendizagem, permitindo uma autoconfiança com maior segurança no seu aprendizado no Ensino Superior.

2 OBJETIVOS:

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a partir da percepção do estudante, o desenvolvimento de sua autonomia, diante das configurações pedagógicas existentes no Ensino Superior, e suas expressões autônomas no processo de aprendizagem.

2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Compreender como o universitário com deficiência visual desenvolve a autonomia no Ensino Superior, a partir da percepção do mesmo;
- As estratégias que ele utiliza para desenvolver sua aprendizagem no Ensino Superior;
- Analisar como o estudante universitário com deficiência visual poderá desenvolver a autonomia, em cooperação entre os colegas;
- Compreender como se dá o desenvolvimento da autonomia do universitário com deficiência visual, a partir das relações dialógicas entre professor e aluno;
- Identificar os desafios e dificuldades encontradas pelos universitários para desenvolver a autonomia no Ensino Superior.

3 CARACTERÍSTICAS E DEFINIÇÕES DA DEFICIÊNCIA VISUAL

A visão é um dos sentidos que gera facilidade de integração à vida das pessoas e permite a compreensão acerca do mundo no qual estão inseridas, além, de dar significação para as ideias que são formuladas na mente, quando algo que é atingido pela visão, como objetos, pessoas ou paisagens.

A visão contribui para que o sujeito constitua os sistemas simbólicos, a interligação do aspecto físico com o social. Vigotski (1991) relaciona os sistemas simbólicos, que são sistemas que organizam os signos em estruturas complexas e articuladas, com o processo de internalização, que é a transformação das marcas externas em processos internos. Estes dois fatores que são os sistemas simbólicos e o processo de internalização são extremamente importantes, pois, promovem o desenvolvimento dos processos mentais superiores, mostrando como um fator essencial nas relações entre os sujeitos.

A perda da função visual se apresenta em nível profundo, moderado ou leve, podendo ser influenciada também por fatores ambientais inadequados.

De acordo com Brasil (2001):

É considerada baixa visão ou visão subnormal a capacidade alterada funcional da visão devido aos fatores diversos isolados ou correlacionados tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, dificuldades de adaptação à luz e ao escuro e para a percepção de cores, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes que interferem ou limitam o desempenho individual da pessoa. (BRASIL, 2001).

Deficiência visual é a redução da capacidade visual, considerado como baixa visão, ou a perda total da mesma, não podendo ser possível a melhora ou corrigido por meio de uso de lentes, óculo, tratamento cirúrgico ou clínico.

Como definição do que se entende por perda de visão, ou cegueira, pode-se citar Carvalho (1992) que afirma:

Visão subnormal (VSN) é uma perda severa de visão que não pode ser corrigida por tratamento clínico ou cirúrgico nem com óculos convencionais. Também pode ser descrita como qualquer grau de enfraquecimento visual que cause incapacidade funcional e diminua o desempenho visual. No entanto, a capacidade funcional não está relacionada apenas aos fatores visuais, mas também às reações da pessoa à perda visual e aos fatores ambientais que interferem no desempenho. (CARVALHO 1992, p. 13).

Como evidenciado, são categorizados com base na potencialidade visual, no que divide dois grupos: pessoas com cegueira ou pessoas com baixa visão, a partir de causas diversas. No que tange a legislação brasileira, a partir do Decreto nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004 (BRASIL, 2004):

Art. 5º Os órgãos da administração pública direta, indireta e fundacional, as empresas prestadoras de serviços públicos e as instituições financeiras deverão dispensar atendimento prioritário às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 1º Considera-se, para os efeitos deste Decreto:

[...]

c) deficiência visual – cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º, ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores; [...] (BRASIL, 2004, p. 217-218).

Além da perda de visão e os níveis dela apresentados acima, tem-se também outras deficiências visuais, como doenças degenerativas, tais como: a Catarata e o Glaucoma, que evoluem com o tempo. A deficiência visual acontece também em casos relacionados em alterações à hipertensão arterial ou diabetes.

A perda da visão pode acontecer como, por exemplo, em traumas oculares nos casos de acidentes domésticos, na rua como acidentes de carro, ou em várias circunstâncias na vida de uma pessoa. Diante de acontecimentos diários da vida poderão surgir imprevistos não esperados e indesejados, acidentes ocasionais, que poderá modificar e transformar a vida do sujeito trazendo consequências para o indivíduo.

O diagnóstico de deficiência visual poderá ser feito em qualquer época da vida, mas as doenças degenerativas surgem com o desenvolvimento fisiológico da pessoa.

Conforme Amiralian (1997) “do ponto de vista educacional há, portanto, necessidade da consideração de dois grupos distintos: os cegos congênitos e os possuidores de cegueira adquirida.” A autora afirma que, quando o sujeito apresenta a perda da visão adquirida, maiores são as dificuldades de adaptação na formação do indivíduo.

Segundo Amiralian (1997):

O sujeito que nasce cego, que estabelece as suas relações objetivas, estrutura o seu ego e organiza toda a sua estrutura cognitiva a partir da audição, do tato, da cinestesia, do olfato e da gustação, difere daquele que

perde a visão após seu desenvolvimento já ter ocorrido. (AMIRALIAN, 1997, p. 32)

A autora Amiralian (1997) destaca que quanto mais cedo ocorre a perda da visão, mais essa condição influencia no desenvolvimento do sujeito, no sentido de adaptações e que aqueles que perderam a visão tardiamente terão maiores dificuldades de adaptações.

Segundo a autora Almeida (2014):

A criança cega deve ser conduzida a interagir e a conhecer o “mundo” do qual faz parte. Suprir a falta da visão é uma empreitada sumamente difícil. Minimizar os efeitos desta privação, criar condições favoráveis ao sucesso da criança cega, contudo, é absolutamente possível. (ALMEIDA, 2014, p. 110).

Faz-se necessário um mediador entre a criança e o mundo, para que a pessoa possa interagir no meio social, para vencer obstáculos que irá surgir para um conhecimento do mundo, minimizando as dificuldades no enfrentamento das limitações visuais, criando condições para um aprendizado com sucesso.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA DEFICIÊNCIA VISUAL NO ÂMBITO ACADÊMICO

A falta do sentido, como a visão pode gerar conflitos de falta de confiança e autonomia. Conforme Amiralian (1997):

A criança cega depende intensamente da locomoção para fazer distinções cruciais entre o *self* e o mundo externo e construir o mundo objetual, mas por outro lado a ausência de visão impede o estabelecimento da mobilidade. (AMIRALIAN, 1997, p. 62).

As consequências da falta de tais treinamentos e preparativos na infância podem ser vista na fase onde o jovem com deficiência visual se encontra num ambiente diferente e cheio de obstáculos: a universidade.

Neste caso o treinamento da mobilidade poderá facilitar o sujeito a investir no mundo com maiores facilidades e avanços de mobilidades.

A Política Nacional de Educação Especial define como aluno com necessidades educativas especiais aquele que:

[...] por apresentar necessidades próprias e diferentes dos demais alunos no domínio das aprendizagens curriculares correspondente à sua idade, requer

recursos pedagógicos e metodologias educacionais específicas. (BRASIL, 2008)

No que tange o ambiente acadêmico, a expressão necessidades educacionais especiais restaura a funcionalidade do processo educativo, considerando o que o aluno com necessidades educacionais especiais demandam no que se refere ao atendimento, como metodologias educacionais específicas voltadas às necessidades, adequações curriculares e recursos pedagógicos. Deste modo, não deve ser focalizado a deficiência, mas sim as respostas educacionais disponíveis que o aluno necessita para o desenvolvimento da aprendizagem e autonomia.

No que demanda ao desenvolvimento da autonomia no ser humano, este poderá procurar vencer seus limites e dificuldades, podendo surgir uma vontade ou uma necessidade em se ingressar na universidade para um conhecimento científico ou uma realização acadêmica, buscando profissões que realizem seus ideais de vida.

Em relação ao desenvolvimento do universitário que possui deficiência visual, Nuernberg (2008, p 314), numa perspectiva Vygotskyana, afirma que: “Acima de tudo, as contribuições de Vigotski revelam a complexidade e a plasticidade do sistema psicológico humano.” O autor foca nas capacidades do sujeito e explica que são variadas as formas de organização psíquica e a diversidade de vias para a construção do sujeito pela ação mediada. O sujeito nas relações sociais em convívio com as pessoas, usando de suas capacidades, na participação social, pode ser reconhecido em sua especificidade e não pela sua limitação física ou visual.

O ser humano poderá se desenvolver na aprendizagem em qualquer idade e com as pessoas que possuem deficiências visuais não é diferente. Os seres humanos procuram apoio, estímulo e acolhimento para as necessidades físicas e emocionais.

A ausência de conhecimento das singularidades destes indivíduos com deficiência visual e a possível ineficácia das instituições de educação superior, quanto a inclusão, acabam por manifestar situações que, por vezes, ocasionam o não acesso e a não permanência destes indivíduos na educação superior.

Alguns universitários com deficiência visual chegam a desistir da universidade ou de estudar, quando não encontram o apoio da instituição. E por isso, algumas

vezes os universitários silenciam em seus anseios de aprender, seja por medo de falar ou questionar ou ainda por timidez.

A inclusão nas universidades demanda a busca de novas didáticas nas instituições, onde o universitário com deficiência visual, ou qualquer outra deficiência física, possa vencer seus desafios e dificuldades, que naturalmente trará maior confiança e flexibilidade necessária para um aprendizado, que facilite o desenvolvimento de autonomia do universitário.

Segundo Sampaio C. e Sampaio S. (2009) em “O papel da universidade como facilitadora de aprendizagem e desenvolvimento:”

A escola tem um papel significativo, não só para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças, mas também para sua saúde psíquica, pois ela é o primeiro espaço social promotor de separação entre a criança e a família, estabelecendo um importante elo com a cultura. (SAMPAIO C; SAMPAIO S., 2009, p. 31).

A saúde psíquica do universitário é de fundamental importância e a instituição tem um papel de grande valor, pois este local possibilita um espaço social ao estudante e deverá ser um facilitador de aprendizagem para o aluno, onde ele terá uma oportunidade de fortalecimento emocional para o seu desenvolvimento cognitivo e social.

De acordo com a concepção e proposta de avaliação do MEC em Saberes e práticas da inclusão: Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília (BRASIL, 2006): “Educação é o processo formal de favorecimento, ao aluno, do acesso e apreensão do saber historicamente construído e sistematizado,” e a escola é o espaço institucional que tem como função social, cria as condições necessárias para que este processo ocorra, com o objetivo de formar indivíduos para uma interpretação fundamentada e crítica do mundo e da sociedade. Nestas perspectivas poderá surgir um avanço educacional atuante, numa educação qualificada e acolhedora facilitando para que a pessoa possa interagir no social.

A universidade tem como função social favorecer ao estudante o saber e abrir espaço para uma oportunidade de novos desafios, que aparecem no âmbito acadêmico e com isto poderá surgir às criatividade do universitário, onde este poderá vencer os desafios, aparecerá então as transformações e mudanças no seu crescimento intelectual.

Para um estudante se formar crítico ou questionador precisará ser impulsionado para tanto, as escolas estão em transformações e a cada ano que os universitários com deficiências entrarem nas universidades naturalmente, reforçam esta mudança nas instituições. As escolas precisaram buscar alternativas para sustentar os universitários que querem conhecimentos com qualidade, renovação e formação crítica, saindo da alienação, buscando teorias e práticas reformuladas, sem desprezar os saberes e a cultura de cada um.

Em relação às dificuldades pedagógicas presentes na universidade, Franco (2013) afirma que:

A Didática nos convida a refletir nossa atitude frente à realidade. A pensar no significado do ato de ensinar, aqui e agora, nas circunstâncias dadas. Ela nos indica pensar naquele que receberá nosso ensino, passiva ou ativamente, mas é esse sujeito, nosso aluno, que deverá referenciar as práticas que adotaremos a linha teórica que iremos selecionar; a dignidade que iremos imprimir ou não em nossas práticas. (FRANCO, 2013, p. 153).

Neste contexto, a reflexão de uma atitude frente à realidade, demonstra que o educador que está se adaptando na inclusão e no aperfeiçoamento de um ensinamento envolvidos nos projetos de inclusão terão mais facilidades de acolher o universitário.

O professor que se dispõe a participar da mudança de inclusão terá maior vontade de se aproximar do universitário e conversar, entendendo do assunto e das necessidades de um universitário com deficiência visual e com maior sensibilidade na estimulação ao universitário.

Na responsabilidade do educador ensinar, precisará também da participação do educando, buscar alternativas junto com os professores, com questionamentos, fortalecer estes vínculos. Vencer obstáculos e interagir para o conhecimento do mundo no enfrentamento das limitações visuais.

3.2 ADEQUAÇÃO DO ENSINO CURRICULAR E PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL

A autora Negry (2012) destaca em sua dissertação que, o que difere o processo de aprendizagem de uma pessoa com deficiência visual daquela que não tem é a necessidade do domínio de técnicas de adaptação que minimizem ou eliminem as possíveis dificuldades na aprendizagem.

Diante desta afirmação vale lembrar que as adaptações que a autora enfatiza são nas áreas cognitivas, afetivas, psicomotoras e sociais. Nesta interação Negry (2012) destaca alguns exemplos adaptativos:

(a) Estimulação precoce do tato e da audição como principais canais de relacionamento com o ambiente; (b) métodos alternativos para a leitura e a escrita; (c) treinamento sensorial; (d) socialização e habilidades lúdicas; (e) utilização da visão residual – quando o indivíduo com baixa visão; (f) acessibilidade às novas tecnologias; (g) orientação e treinamento da mobilidade, entre outras. (NEGRY 2012, p. 50).

A adaptação num novo aprendizado, com novos recursos didáticos, ajuda o aluno a acreditar em si mesmo, no que se referem suas realizações e projetos. As atividades em sala de aula que oferece motivação ao aluno, naturalmente poderá facilitar no convívio sadio entre os colegas na troca de saberes.

Segundo o autor Filho (2002), as pessoas com deficiências visuais, se não foram adequadamente estimuladas, assumem posições de passividade diante da realidade e na solução de seus próprios problemas diários.

Esta pessoa poderá crescer com poucas oportunidades de aprendizados nas relações sociais e nas escolas, numa restrita interação com a sociedade e também com a realidade do mundo ao qual pertence. Poderá também ocorrer uma dependência nas decisões e resoluções de seus problemas, quandoos mesmos não têm seus potenciais reconhecidos, podendo ser necessário que outras pessoas reajam por ela.

Por isso é importante que as pessoas com deficiência visual sejam impulsionadas, estimuladas em seus esforços para que conquistem sua independência desde a infância e sempre sejam motivadas para o desenvolvimento ao longo da vida.

De acordo com as ideias de Valente (1991) as dificuldades das crianças com deficiência física, auditiva, visual ou mental limitam as capacidades de interagir com o mundo. A dificuldade de interação com o meio que o rodeia, pelas suas próprias limitações motoras ou visuais, podem impedir o desenvolvimento de habilidades necessárias ao crescimento intelectual e pessoal. A proteção excessiva de familiares ou pessoas amigas também poderá ser um fator negativo ao avanço da pessoa com deficiência visual ou física em sua trajetória de vida.

Conforme Telfort e Sawrey (1974 apud MASINI, 1994) explicam:

Muitos pesquisadores e educadores afirmam que 85% das experiências educacionais são visuais. Como a criança cega está privada deste tipo de experiência, conforme Telford e Sawrey (1974) frisam, "A adaptação para sua educação exige transferência de visão para os sentidos auditivo, tátil, sinestésico, como vias de instrução, aprendizagem, orientação." (TELFORT; SAWREY, 1974 apud MASINI, 1994 p. 66).

Os autores chamam a atenção para as adaptações necessárias, sendo que a pessoa que possui deficiência visual poderá desenvolver seus sentidos, como por exemplo; o sentido da audição e o tato para a exploração de matérias concreta.

De acordo com Brasil (2006, p. 51-54), para o desenvolvimento do processo de aprendizagem de pessoas que se enquadram no diagnóstico de baixa visão é necessário recursos específicos que previamente citados podem ser: lupa de apoio tele lupa, material com caracteres ampliados etc., capazes de maximizar a eficácia de seu resíduo visual.

Conforme Brasil (2006, p. 57-85), nos casos com agravação de perda de visão moderados, como aproximadamente à cegueira, o uso de Braille para ler e escrever é uma alternativa, assim como Atividades de Vida Diária (AVD), uso de bengala, treinamentos de orientação e de mobilidade.

Em estado de perda total de visão, como cegueira, os treinamentos de orientação e de mobilidade possuem base fundamental, pois a pessoa não fará nenhum uso do sentido da visão. O uso de bengalas e do sistema Braille, programas de computador utilizando programas de voz de total utilidade e importância neste caso, criando recursos de uma melhor qualidade de vida para a pessoa com deficiência visual.

4 DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

Visto as características e definições da deficiência visual, bem como suas adequações e processo de desenvolvimento, é necessário agora compreender como se dá o desenvolvimento da autonomia das pessoas com deficiência visual, pois é uma forma de entender o processo de um ser humano em suas limitações em seu dia a dia. À luz deste assunto, os autores Sá e Oliveira (2007) destacam os limites

do ser humano desde o seu nascimento. A autonomia é um direito inseparável, essencial ao ser humano, que é relacionado à liberdade e ao seu livre arbítrio.

Um ser humano não nasce autônomo muito pelo contrário, pois a criança nasce dependente de outras pessoas para se alimentar, higienizar, vestir-se. No nascimento o bebê não possui nenhuma autonomia, possui reflexos inatos, chora quando sente fome.

É isso que Sá e Oliveira (2007) destacam ao afirmarem que:

Ao nascer, o ser humano não possui qualquer autonomia, pois não pode, de modo algum, governar-se por si próprio. Ele está totalmente vinculado às forças biológicas (fome, frio, sede, calor) e reflexos inatos (chorar quando tem fome, soluçar, mexer os membros superiores e inferiores involuntariamente, espirar, bocejar). (SÁ; OLIVEIRA, 2007, p. 429).

Deste modo, sabe-se que o ser humano não nasce autônomo, mas se torna. E desta maneira, o crescimento e a posterior conquista de sua autonomia é instigado e motivado por diversos fatores, que irão indicar o quão autônomo o indivíduo será.

Castanho e Freitas (2006, p. 94) afirmam que: “As Universidades configuram-se como um espaço de construção e trocas de conhecimento além de convívio social.” Com um apoio mútuo, as relações aluno, colegas e professores por sua vez se fortalecem, onde os estudantes com deficiências visuais podem ter uma construção de desenvolvimento dentro da instituição de ensino acadêmico mais concretizado. Estes estabelecimentos têm a responsabilidade de dar oportunidades e incentivo em uma boa instrução educativa para todos.

Retomando as autoras Castanho e Freitas (2006, p. 94), ainda afirmam que: “O movimento da educação inclusiva tem representado um desafio para a educação superior e a ausência de políticas públicas que promovem uma efetiva educação inclusiva é uma evidência.” Tem-se a necessidade de uma transformação escolar mais democrática e humanizada, para se vencer o desafio na educação superior, executando ações educativas inclusivas.

O que se espera no ambiente de nível superior é a superação das propostas de educação inclusiva baseado no respeito, na ética, na realização real e não numa evidência.

O desenvolvimento da autonomia do sujeito influi de como o sujeito é tratado em suas relações. As regras constituintes, que funciona aos princípios essenciais da cooperação em si, ao outro e ao grupo em que se é inserido. Faz parte do

crescimento pessoal e profissional da pessoa desenvolver a autonomia, aprender a conviver em sociedade, adaptar-se com as diferenças sociais, visando construir uma sociedade mais diversificada e melhor para se viver.

No que se refere à autonomia, é possível o sujeito ser impulsionado a seguir normas e regras já prontas e constituídas, ser solidário procurando seguir normas de solidariedade. Assim é visto quando Correia (2003, p. 136) afirma que: “Nada de autonomia, mas capacidade lógico-cognitiva de compreender e respeitar as regras para o mútuo controle, regulado pelo consenso e assentimento grupal.” Para se viver em sociedade, ou em grupos torna-se indispensável seguir certas normas e regras para o bom convívio social.

Segundo Guimelli (1994), a possibilidade de mudanças de uma representação social sobre determinado objeto está diretamente relacionada ao significado que novas interpretações a respeito desse mesmo objeto tenham para determinado grupo; ou seja, um grupo só vai sentir a necessidade de “reconstruir” a representação que forjou sobre determinado objeto, quando percebe que, se não o fizer, perderá o controle da situação, possibilitando o surgimento de eventos suscetíveis de ameaçar sua organização atual, colocando em risco a identidade e segurança do grupo.

De acordo com as ideias de Afonso (2011), a autonomia do sujeito no seu desenvolvimento psicossocial é uma mudança sendo um processo que deriva do desejo de autonomia.

A autonomia do sujeito poderá passar por repetições de atitudes ou comportamentos iguais, para que este seja supostamente aceito. Estas atitudes podem ser repetidas durante certo tempo e muitas vezes copiadas, ou sugeridas, sem que o sujeito possa ter o direito de seu livre arbítrio de escolhas, sendo coagido e regulado pelo consenso, para ser aprovado em um grupo, ou em uma instituição, da qual o sujeito poderá ser pertencente.

Correia (2003, p. 135) questiona sobre a autonomia do sujeito e o que é esta autonomia, ou seja, como esta autonomia funciona: por volta dos sete aos oito anos de vida da criança, a mesma é conduzida a reproduzir os costumes da cultura, nas repetições de aprendizados das gerações mais antigas. É nesta fase que a criança começa a compreender que nem tudo é como deveria ser.

Então, entra em pauta o seguinte questionamento: se nem tudo é como deveria ser e se as coisas estão predestinadas a serem como devem ser, como

pode haver autonomia no sujeito? Eis que a resposta para isso é que: a autonomia tange ao sujeito a sua apetência de criação de suas próprias normas, mesmo que em parte, ou seja, o sujeito cria a sua própria capacidade de elaborar as suas normas.

Percebe-se que, o que se faz há séculos, continua a fazer nos mundo de hoje, como algo dado pronto ao sujeito, reforça o papel da inibição, restrição e limitação social.

O sujeito em suas relações sociais poderá passar por possíveis transformações e crises existenciais não querer ser submisso às estruturas sociais em sua volta. Desejar, transformar, criar, pulsar novas mudanças na pessoa, pode fluir no desenvolvimento da autonomia e influir em suas escolhas próprias.

Pode-se acontecer em alguns momentos na sociedade ou grupos, que as interpretações incorretas impostas aos sujeitos com deficiências visuais, ou qualquer deficiência, poderão causar constrangimentos à pessoa afetada pelo comentário do outro. A ignorância no sentido da falta de conhecimentos e falta de compreensão e uma fala, talvez até humilhante, de uma suposta pessoa poderá, às vezes, afetar a autoestima da outra pessoa causando um impacto negativo.

Morin (2011, p. 109) afirma que: “A incompreensão impera nas relações entre os seres humanos. Fazem estragos nas famílias, no trabalho, na vida profissional, nas relações entre os indivíduos, povos, religiões.” Os julgamentos e estereótipos existem, infelizmente, em algumas instituições universitárias, onde o educando dependendo da situação poderá se sentir desmotivado, constrangido ou humilhado. Os alunos com necessidades especiais necessitam de compreensão, apoio e acolhimento, onde poderão ter prazer de sair de suas casas para buscar conhecimento nas academias de ensino superior. Na sociedade situações como esta geralmente poderá acontecer no dia a dia de uma pessoa com deficiência visual. As noções pré-concebidas muitas vezes poderão encontrar-se infundidas no subconsciente da sociedade. Os conceitos antecipados, com opinião formada sem reflexão, em opiniões alheias poderão tornar-se como verdadeiros, no convívio social.

O desenvolvimento da autonomia do sujeito envolve o contexto individual e coletivo, sendo uma constituição histórica do sujeito, o social que deve incluir a intervenção psicossocial neste sujeito em mudanças e transformações cotidianas, surgindo então à intervenção necessária para a compreensão deste sujeito

complexo. Se o sujeito está em transformação, naturalmente se deduz que a sociedade também se transforma, sendo que este movimento atua dentro de um contexto social e individual.

Machado (2004 apud AFONSO,2011) relata sobre a autonomia do sujeito no seu desenvolvimento psicossocial como:

Finalmente é preciso lembrar, conforme Machado (2004), que o principal objetivo da intervenção psicossocial não é um projeto predefinido de mudança pautado em uma racionalidade técnica e sim o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos. Mesmo quando referenciado em conhecimentos técnicos, a mudança é um processo que deriva do desejo de autonomia e que deve oferecer condições para o seu desenvolvimento. Não se trata de definir qual é a "mudança certa" para um dado grupo social e sim de construir com ele as possibilidades de transformação que ampliam e desenvolvem a sua autonomia. (MACHADO, 2004 apud AFONSO, 2011, p. 447).

Para ampliar o olhar na busca de transformações e mudanças para uma autonomia, não se tem uma receita pronta, mas é preciso uma construção de desenvolvimento compartilhado.

A autora Afonso (2011), evidencia também que alcançar a autonomia representa confrontar a posição sobre determinação histórica, pois a autonomia está conexas à aptidão do sujeito de fornecer sentidos e de realizar escolhas dentro do contexto social.

Buscando explicações justas ao tema proposto sobre a autonomia do sujeito não se poderia deixar de fora, para uma melhor compreensão deste sujeito complexo, individual e coletivo, questionar sobre as reflexões e análises do tema desenvolvimento da autonomia do universitário que possui deficiência visual, se o sujeito percebe esta autonomia em si mesmo, ou seja, se este universitário tem total clareza desta percepção, portanto é importante neste atual ordenamento refletir se o desenvolvimento da autonomia do sujeito é um processo consciente ou inconsciente.

Para melhor entendimento deste assunto Brandão (1985 apud AFONSO, 2011) enfoca em seu texto que:

É uma concepção da cultura semelhante à da língua dentro da linguística estruturalista, como uma atividade cujas regras os falantes sabem falar/seguir, mas das quais não são nunca completamente conscientes e, portanto, não sabem enunciar. O sujeito falante seria determinado tanto pelo inconsciente quanto pela ideologia. (BRANDÃO, 1985 apud AFONSO, 2011, p. 451).

Salientam-se neste assunto complexo, vários questionamentos visto que o sujeito tem o poder de imaginar, planejar, construir ideias, tendo crenças, fantasias, seguindo uma ideologia necessária que possa ampliar seu desenvolvimento da autonomia transformando em um desejo de mudanças. Estruturar, incluir no sentido de se sentir pertencente a uma sociedade ou grupo podendo estar este sujeito não totalmente consciente, mas ter possibilidades de criar novos rumos com novas expectativas, dependendo também da história de vida de cada pessoa, que é diferente uma da outra.

Na compreensão de como se dá o desenvolvimento da autonomia, a partir das relações dialógicas entre professor e aluno, as autoras Petroni e Souza (2009, p. 357) enfocam que: “O educador que se propõe a trabalhar na perspectiva realmente progressista está se dispondo a reconhecer-se como parceiro de seu aluno e a promover desenvolvimento.”

É notável que o professor e o aluno se interajam em uma troca, na qual o aluno pode aprender e desenvolver sua autonomia e o professor reforçar o seu aprendizado na medida em que ensinar o aluno. Nesta parceria, o aluno poderá desenvolver o seu próprio pensamento, a fala, as críticas construtivas, a partir de seu desenvolvimento e esforço diário.

Ainda segundo as autoras Petroni e Souza (2009):

Neste sentido compreendemos que, ao exercer uma prática crítica, consciente, respeitando as diferenças, a autonomia, estimulando a curiosidade, relacionando teoria e prática, exercendo a pesquisa, agindo com humildade e tolerância, sabendo-se inacabado, respeitando os saberes e a identidade cultural de cada um, com coerência, escutando e dialogando com os educandos, libertária e autonomamente, etc., o educador possibilitara uma formação que promoverá o desenvolvimento dessas mesmas dimensões. (PETRONI; SOUZA, 2009, p. 357).

O educador que busca mais aprendizado e se aperfeiçoa, em teoria e prática, usa também a escuta e o diálogo como ferramenta importante no ensinar e aprender, naturalmente poderá levar aos alunos novas dimensões de aprendizagem, com novos saberes.

Conforme Petroni e Souza (2009):

Compreendemos que a autonomia seja mais uma questão da educação que abre espaço para um trabalho conjunto com a psicologia, já que se fazem presentes as subjetividades produzidas nas e pelas relações estabelecidas entre os atores escolares e para o nosso interesse, o professor. (PETRONI; SOUZA, 2009, p. 359).

Na interação, o professor poderá desenvolver a própria autonomia à medida que ensina e o aluno poderá reconhecer que está sendo acolhido e compreendido, desenvolvendo-se também. O professor fornecerá para o aluno uma formação promovendo um desenvolvimento na mesma qualidade de grandeza.

É evidente que cada indivíduo possui vida diferenciada, crenças variadas, a cultura difere de estado a estado, modificando-se nos países diversos. Nesta diversidade imensa, como o universitário com deficiência visual poderá se sentir seguro, conquistando sua autonomia em uma universidade se não encontrar apoio e boa recepção de alunos e professores, com melhores métodos de ensino a seu favor? Não existe um estudante igual ao outro, para o professor poderá ser uma tarefa difícil, enfrentar estas diversidades também, sendo que cada aluno pode avançar em ritmos diferentes, pode até ser complicado no início, mas a troca de experiências valoriza as oportunidades de amadurecimento e crescimento intelectual e construtivo em afetos.

A autora Almeida (2014) explica que:

Educar é conduzir. O caminho é longo e complexo. O professor tem de estar preparado para levar avante seu ofício e atender aos apelos de um tempo que se abre para todos e que precisa espelhar a responsabilidade de um compromisso verdadeiro: a promoção intelectual, social e humana da pessoa com deficiência. (ALMEIDA, 2014, p. 110).

Neste desenvolvimento insere a estimulação do professor, o qual favorece ao universitário uma abertura de realizações construtivas na busca de uma aprendizagem de qualidade. O prazer do educando de estudar e aprender surgirá nas descobertas onde o universitário poderá notar que é capaz de fazer e construir algo seu e de realizar seus sonhos de uma futura formatura e ser um profissional eficiente, capacitado, onde poderá tornar-se autônomo em suas escolhas.

O desenvolvimento da autonomia do universitário com deficiência visual precisará também da colaboração e compreensão dos professores, facilitando neste processo e também da participação da instituição que o acolhe.

O professor atencioso observará seus alunos com maior atenção no sentido de fortalecer a autonomia de cada um, para um processo de humanização necessária a todos nós. É conhecido que nem tudo isso acontece nas salas de aula, mas sabe-se, no entanto, que o educador que usar as suas habilidades como, por exemplo: se comunicar, explicar a matéria, questionar junto com seus alunos,

demonstrando sua vontade de ensinar, atuar, desenvolver, acolher, respeitar para ser respeitado na sala de aula.

O docente poderá avaliar as dificuldades do aluno no que tange ao aprendizado; observar o que o educando já aprendeu e o que ainda poderá aprender, estimulando suas potencialidades, trazendo novas estratégias na sala de aula, como um desafio para o aluno, mas formulando dimensões de aprimoramento de investigações; para promover este aluno a se transformar e buscar habilidades e criatividade numa cumplicidade de desenvolvimento mútuo de autonomia na participação ativa das tarefas assumidas na sala de aula e nas tarefas feitas em casa.

De acordo com Almeida (2014):

Educa-se para a autonomia e para a independência. O estabelecimento do vínculo afetivo entre a criança e os membros da família, e entre o educando e o educador, reafirma as ligações interpessoais, estreita os laços de amizade, cristaliza o espírito de solidariedade. (ALMEIDA, 2014, p. 111).

Faz-se necessário criar vínculos afetivos entre os membros da família, professores e universitários, educando para uma independência, aprendendo a vencer desafios, buscar criatividade, usar estratégias, acumular valores, ganhar créditos, para a total satisfação do educando, alcançando a autonomia, tornando-se uma pessoa autônoma em suas escolhas, atitudes e realizações.

A superproteção de familiares ou grupos sociais à pessoa com deficiência visual ou física, com frequência poderá fazer com que este sujeito cresça desconhecendo suas potencialidades e criatividade.

Os conflitos e as consequências que a cegueira e a baixa visão podem gerar não são apenas físicos e sensoriais, conforme Brasil (2007, p. 18) explica quando fala que “a baixa visão pode ocasionar conflitos emocionais, psicológicos e sociais, que influenciam o desempenho visual, a conduta do aluno, e refletem na aprendizagem.”

O comportamento do estudante universitário com deficiência visual poderá refletir na aprendizagem, positivamente ou negativamente, conforme seu estado emocional. Neste contexto, a base familiar deverá estar presente e participar com o sujeito, interagir com este, em atividades diversas, em casa ou no âmbito acadêmico. O estímulo poderá favorecer no desenvolvimento da pessoa.

A família deverá apoiar e contribuir para a construção da autonomia deste, valorizando a criatividade, acompanhar e buscar instigar o desempenho acadêmico ou atitudes construtivas em casa. Tais atitudes podem contribuir com o êxito do estudante universitário com deficiência visual em sala de aula, uma vez que este se sentirá reconhecido por sua competência e terá autonomia e confiança, realizando sonhos e ideais.

5 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Caracterização da pesquisa

O presente trabalho analisou o desenvolvimento da autonomia dos universitários que possuem deficiência visual, podendo ser baixa visão ou cegueira durante o processo de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa que visa uma perspectiva de análise de informações sobre o desenvolvimento da autonomia dos mesmos no curso do seu processo de escolarização.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, que busca a compreensão dos fenômenos pelos dados obtidos da entrevista realizada.

Segundo Minayo (1994):

As metodologias de pesquisa qualitativa são aquelas entendidas como capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas. (MINAYO, 1994, p. 10).

Neste fato Minayo (1994), afirma que, as estruturas sociais são importantes na transformação como construções humanas significativas.

É nesse contexto que o fenômeno deve ser compreendido e interpretado; objetivando construir e avançar no conhecimento, no caso da presente pesquisa, o desenvolvimento da autonomia no Ensino Superior.

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. “A linguagem, a prática e o nível dos significados, motivos, aspirações, crenças e valores expressam-se pela linguagem comum no cotidiano e são os materiais dos estudos qualitativos.” (MINAYO, 1994).

5.1 PARTICIPANTES

Conforme Minayo (2007), a amostra deve privilegiar os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer. Dessa maneira, foram convidados estudantes universitários de todos os cursos, que possuem deficiências visuais, para participar da pesquisa, tendo como critério de inclusão diferentes tipos de deficiência visual, alguns com cegueira e outros com baixa visão, que de acordo com o Serviço de Orientação Inclusiva (SOI), estão matriculados na instituição. Através do SOI, constatou-se que existem no momento 10 estudantes que possuem deficiência visual no campo universitário. A pesquisadora entrevistou 6 universitários com deficiência visual.

Entre os estudantes, foram entrevistados 2 universitários com perda total da visão sendo: 1 universitária do curso de Pedagogia e 1 universitária do curso de Psicologia. E 4 estudantes com baixa visão sendo: 1 universitário do curso de Direito, 1 universitária do curso de Letras Português/Inglês, 1 universitário da Educação Física e por último 1 universitária do curso de Administração.

5.2 CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma universidade privada localizada no Distrito Federal, durante o primeiro semestre de 2016. A escolha da universidade como um local para a realização da pesquisa se deve à ampla relação entre esta e a sociedade, que especifica vários programas de atendimento aos alunos e a comunidade.

O Serviço de Orientação Inclusiva (SOI), que de acordo com o Plano de Ação (2015): “tem como compromisso acompanhar os estudantes da Universidade que apresentam condições especiais de natureza físicas ou sensoriais, que demandam apoio institucional especial no processo de ensino-aprendizagem e avaliação.”

Funciona como um núcleo de acessibilidade e dispõe apoio nas tecnologias assistivas (T.A) e orientação nas adaptações pedagógicas, proporcionando a todos os beneficiados caminhos de acessibilidade e inclusão. Todos podem participar e colaborar, dando suporte e apoio nos projetos e contribuir na promoção da acessibilidade.

Além disso, o SOI oferece serviço de apoio especializado com adaptações para cada deficiência; como leitor e escrevente, intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras), materiais em Braille, mapeamento e guia para os estudantes com deficiências visuais, adaptação de materiais pedagógicos e recursos assistivos com equipamento de informática adaptado.

5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O roteiro de entrevista (apêndice A) semiestruturado, segundo Minayo (2007), é uma modalidade de abordagem que deve possuir tópicos que servem como orientação e guia para entrevista. Sendo fundamental, pois no roteiro da entrevista deve conter clareza e objetividade para a compreensão do estudante universitário, para traçar uma linha de pensamento e conseguir preencher as lacunas com informações pertinentes ao tema.

5.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O momento da coleta de dados precisa ser planejado de forma a garantir a análise dos objetivos propostos no estudo bem como coerência com os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Dessa maneira, a pesquisadora estabeleceu contato com o Serviço de Orientação Inclusiva (SOI) da Instituição, pois, esse setor é o responsável pelas políticas de acessibilidade, orientações nas adequações pedagógicas, oferecendo recursos de tecnologias assistivas, que visam o apoio para o aluno desenvolver o pensamento científico.

A pesquisadora enviou por e-mail uma carta convite aos estudantes, que possuem deficiência visual, convidando-os para participar do estudo e esclarecendo os objetivos da pesquisa.

Após a confirmação dos alunos, desejando participar do processo, a pesquisadora entrou em contato com os estudantes, por telefone, onde foram agendadas as entrevistas de acordo com a disponibilidade dos estudantes.

Os estudantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para consentimento formal. Este termo foi formulado para a total segurança ética do entrevistado. Este documento possui informações importantes sobre a

pesquisa, como o objetivo desta, a justificativa e a ética (apêndice B). A entrevista teve duração de 40 minutos.

O pesquisador quando escolhe um olhar epistemológico qualitativo para subsidiar a pesquisa, entende que o momento da entrevista não se restringe apenas a obtenção de informações, mas sim a compreende como um espaço interativo, de circulação de discurso e construções simbólicas.

Corroborando com esse pensamento, González Rey (2005, p. 55) confirma: “O sujeito, na realidade, realiza verdadeiras construções implicadas nos diálogos nos quais se expressa. A pergunta representa apenas um dos elementos de sentido sobre os quais se constitui sua expressão.”

5.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Para análise do material a pesquisadora buscou interpretar e construir o conhecimento adquirido de forma qualitativa, ou seja, não há tratamento estatístico envolvido, mas um conjunto de procedimentos que visam organizar os dados de modo que eles revelem, com a máxima objetividade e isenção possível, como os grupos em questão percebem e se relacionam com o foco do estudo em pauta, que neste caso será o grupo de estudantes universitários selecionados que possuem deficiências visuais e estarão evidenciando as questões pertinentes ao estudo.

Segundo Bardin (2011):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2011, p. 37)

O procedimento de análise dos dados será realizado de acordo com a metodologia de análise do conteúdo que, segundo Bardin (2011), consiste na análise da comunicação, utilizando-se, para isso, de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem. Tem como intenção a interferência do conhecimento do conteúdo da comunicação de um texto, meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades que se repetem.

Os dados da pesquisa serão analisados conforme etapas propostas pela metodologia da análise de conteúdo de Bardin (2011). **Primeiro ocorrendo** a pré-análise dos dados composta pela organização das entrevistas, utilizando os procedimentos de leitura flutuante e elaboração de indicadores. **Na segunda etapa** segue-se a exploração do material, os dados serão codificados a partir das unidades de registro, utilizando a técnica de categorização. “Esta funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, categorias segundo reagrupamento analógico” (BARDIN, 2011, p. 101) em que serão investigados os temas. A **última etapa** consiste no tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na entrevista ocorre o contato do entrevistador com o entrevistado, onde se estabelece uma comunicação verbal, conversas com uma finalidade, buscando informações para o objetivo da pesquisa.

Minayo (2008, p. 261) explica que a entrevista científica é: “Entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo.” Então a entrevista poderá ser uma conversa entre duas pessoas ou o encontro com mais pessoas.

Conforme Minayo (2008) afirma:

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo. (MINAYO, 2008, p. 261).

Minayo (2008, p. 204) comenta que, “vários estudiosos apontam a fala como a forma de comunicação mais privilegiada para a sociedade humana”, na fala de um sujeito existe a possibilidade de possuir a experiência vivida, de seu contexto na história pessoal e social. Minayo (2008, p. 204) afirma que pode permitir o “entendimento intersubjetivo e social e, por densidade, constituir-se em si, em um fato social.” Os indivíduos constroem as comunidades, grupos, que refletem sobre a pessoa, que poderá influenciar em suas condições, possibilidades, sonhos e desejos.

Neste contexto, a fim de análise de dados, a pesquisadora construiu algumas categorias em sua pesquisa.

Categoria segundo Bueno (1996, p. 128) “significa classe; série; hierarquia; grupo; espécie; [Filos.] gêneros mais gerais segundo os quais se distribuem os objetivos do pensamento.”

Segundo Bardin (2011, p. 147-148): “As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo), sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.”

Desse modo, a pesquisa foi dividida em quatro categorias, que são:

- 1) A percepção do universitário com deficiência visual diante da construção de sua autonomia.
- 2) As estratégias que o universitário com deficiência visual desenvolve e utiliza para promover sua aprendizagem.
- 3) A contribuição da rede de apoio para o desenvolvimento da autonomia. Estas redes de apoio são: a família, o professor, o colega, a instituição ou local.
- 4) Os desafios percebidos pelo universitário com deficiência visual.

Segue a partir desse momento a apresentação dos dados e suas referentes análises, de acordo com cada categoria descrita acima.

6.1 PERCEPÇÕES DOS UNIVERSITÁRIOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DIANTE DA CONSTRUÇÃO DE SUA AUTONOMIA

A partir das entrevistas foram visualizados os relatos sobre a percepção da autonomia, que diz respeito ao que o universitário percebe sobre o seu próprio desenvolvimento. Segundo Bueno (1996, p. 496) “a percepção é o ato, efeito ou faculdade de perceber; compreensão.” Segundo Masini, (1994, p. 88) “Cada um é a vida aberta que não se esgota em certo número de funções biológicas ou sensoriais.” O perceber algo, que não necessariamente seja concreto e visível ao sujeito, mas percebido, vivido, ou sentido, num sistema abstrato.

No que se refere ao desenvolvimento no processo da aprendizagem, Vigotski (2007) afirma:

A relação entre o uso de instrumentos e a fala afeta várias funções psicológicas, em particular a percepção, as operações sensório-motoras e a atenção, cada uma das quais é parte de um sistema dinâmico de comportamento. Pesquisas experimentais do desenvolvimento indicam que as conexões e relações entre funções constituem sistemas que se modificam, ao longo do desenvolvimento da criança, tão radicalmente quanto as próprias funções individuais. Considerando uma das funções de cada vez, examinarei como a fala introduz mudanças qualitativas na sua forma e na sua relação com as outras funções (VIGOTSKI, 2007, p. 21).

A percepção, as operações sensório-motoras e a atenção, são funções psicológicas e fazem parte de um sistema dinâmico de comportamento, estes são afetados, em relação entre o uso de instrumentos e a fala, passando por transformações. O desenvolvimento do sujeito acontece durante a trajetória de sua vida, o sujeito interage com as pessoas e se desenvolve, nele habita a vida, pensamento, sentimento, atitude.

Cada pessoa tem uma história de vida diferente uns dos outros, no ser humano existe muita complexidade, as pessoas não são iguais psicologicamente. Bueno (1996, p. 151) afirma que a complexidade é o “Intrincamento; emaranhamento; dificuldade.” O termo complexo significa ser: “Intrigado; emaranhado; difícil de solucionar; s. m. recalque psíquico.”

Diante disso, verifica-se que a complexidade do sujeito então terá que ser mais questionada, analisada para que haja uma maior compreensão do que significa ser um sujeito complexo.

Morin (2012, p. 559) afirma que, “a complexidade é um problema, é um desafio e não uma resposta.” Para compreender a autonomia será importante entender o que seria um sujeito com toda a sua complexidade. Segundo Bueno (1996, p. 85), autonomia é a “Faculdade de se governar por si mesmo; direito ou faculdade de se reger por leis próprias; emancipação; independência. ”O indivíduo poderá adquirir uma independência durante o seu desenvolvimento de autonomia e ser um sujeito autônomo, dentro de sua complexidade existencial. Conforme Bueno (1996, p. 85) “Autônomo é o sujeito que se governa por leis próprias; independente, livre.” O indivíduo poderá ter a possibilidade de transformar-se em um sujeito autônomo, emancipar-se e conseguir desenvolver a sua autonomia, enfim, poder adquirir independência e possuir a capacidade de realizar normas próprias.

Nas respostas adquiridas dos universitários, a partir da entrevista foram visualizadas as seguintes observações:

Quadro 1: A percepção do universitário com deficiência visual diante da construção de sua autonomia

Participante	Categoria 1: A percepção do universitário diante da construção de sua autonomia
Participante 1 – perda total da visão	Imponho-me, eu procuro, eu corro atrás. Não fico sentada esperando. As pessoas falam que eu não vou dar conta. Estudei na escola de adaptação. Isto é um desafio para mim. É uma questão de confiança.
Participante 2 – perda total da visão	Mais ou menos, sempre fui muito presa. Meus pais tinham medo de acontecer algo comigo, por isto fui muito protegida. Quando perde a visão total, fui fazer orientação e mobilidade.
Participante 3 – baixa visão	Vou atrás, se tiver problemas procuro resolver o problema. Eu cobro mesmo, desde criança eu cobro. Isto foi me ensinado pelo os meus pais hoje isto mim ajuda e consigo resolver.
Participante 4 – baixa visão	Muito antes de entrar na faculdade tenho autonomia, sai de casa aos 13 anos de idade para morar em uma casa de família e trabalhar lá. Fiquei 15 anos nesta casa. Considero-me uma vencedora desde o útero de minha mãe.
Participante 5 – baixa visão	No trabalho em grupo, bate uma insegurança, me sinto incapaz, fiquei com crise de ansiedade. Fui ao psiquiatra ele passou um medicamento e não indicou um psicólogo.
Participante 6 – baixa visão	Consigo tomar decisões com a ajuda, sem ajuda fica complicado resolver.

Os universitários relataram suas percepções na entrevista, como por exemplo, a participante 1 afirma com segurança no que diz: “Sim. Eu me imponho, eu procuro, eu corro atrás. Não fico sentada esperando.” A atitude desta estudante é de confiança e espera-se que ela supere suas expectativas quanto ao seu desenvolvimento da autonomia. Nem sempre o universitário atinge esse desenvolvimento, cada um reage de forma diferente, existem os casos de desenvolvimento de autonomia onde o universitário, com baixa visão, não se sente totalmente autônomo, tem-se como exemplo o relato da participante 2 no que tange sobre sua autonomia, disse que: “Mais ou menos, sempre fui muito presa, meus pais tinham medo de acontecer algo comigo, por isto fui muito protegida.”

Conforme Touraine (2009 apud AFONSO, 2011) explica que, a sociedade é um fator que exerce uma pressão no indivíduo sendo que:

Na modernidade, a racionalização da sociedade está em contínua tensão com a capacidade do **indivíduo** de conceber a si mesmo com um **ator histórico e social**, sendo capaz de tornar-se **sujeito** de sua história. Esses três termos se definem pelas suas inter-relações, sendo que “o sujeito” é o esforço que faz o “ator social” para se tornar autor de sua própria história. Entretanto, para que o sujeito apareça, é necessário que o indivíduo reconheça em si a presença de um si mesmo junto com a vontade de ser sujeito e a busca por autonomia. A mudança social não pode ser meramente resultado de um planejamento racional por parte do Estado ou das pressões do mercado. É necessária a participação dos sujeitos sociais. (TOURAINÉ, 2009, p. 213-245 apud AFONSO, 2011, p. 458).

O indivíduo recebe contínua tensão da sociedade e este se transforma em sujeito de sua história, através de suas inter-relações; este sujeito concebe a si mesmo, um ator histórico e social, sendo que o sujeito é o esforço que faz como um ator social para se tornar autor de sua própria história. Na entrevista percebeu-se o esforço que cada universitário faz para se sobressair em seus estudos, perante seu aprendizado.

Logo, poderá surgir uma insegurança no universitário podendo atrapalhar o seu desenvolvimento da autonomia, um medo do novo, uma ansiedade, como por exemplo, neste depoimento no que relata a participante 5: “No trabalho em grupo, bate uma insegurança, me sinto incapaz, fiquei com crise de ansiedade, fui ao psiquiatra ele passou um medicamento e não indicou um psicólogo.” Esta universitária relatou se sentir incapaz no trabalho em grupo com crise de ansiedade, chegando ao ponto de ter que tomar remédios.

Alguns universitários possuem maior autonomia, outros menos, dependendo do seu desenvolvimento na aprendizagem, conforme a história de vida de cada um. Mediante os relatos, alguns estudantes tiveram maiores dificuldades, perante os desafios encontrados nas suas vivências diárias.

Outro relato, através da fala do universitário, percebe-se que este consegue tomar decisões, mas precisa do apoio de outra pessoa, conforme o relato do participante 6: “Consigo tomar decisões com a ajuda, sem ajuda fica complicado resolver.”

Afonso (2011) afirma que:

A teoria estruturalista foi criticada por minimizar a possibilidade de autonomia dos sujeitos e da produção de novos sentidos na história. De um lado, já não é possível manter a ilusão de um sujeito totalmente autônomo. De outro, a sua total submissão às estruturas sociais é questionável pela história humana, que contém, sempre, crise e transformação. (AFONSO, 2011, p. 451).

Deve-se recordar que a autonomia do sujeito encontra-se em desenvolvimento na pessoa, o sujeito passa por crises e transformações modificando o seu meio devido a vivências sociais, da qual o sujeito passa ao longo de sua vida.

No que se refere à autonomia do universitário com deficiências visuais, observa-se que todos os estudantes entrevistados se esforçam para obter um maior desempenho perante sua autonomia, conforme sua necessidade, adaptando-se, para aprender na universidade.

Foi possível identificar através da entrevista, o movimento criativo do universitário, pois todos os participantes mencionaram seus desempenhos sobre o próprio desenvolvimento da autonomia no curso superior.

6.2 AS ESTRATÉGIAS QUE O UNIVERSITÁRIO DESENVOLVE E UTILIZA PARA PROMOVER SUA APRENDIZAGEM

A segunda categoria para análise de dados relaciona-se sobre as estratégias que o universitário desenvolve e utiliza para promover sua aprendizagem. Segundo Bueno (1996, p. 273): “A estratégia consiste numa arte de traçar os planos de uma guerra.” Pode-se compreender estratégia educacional como uma arte que consiste em traçar planos, buscando alternativas, procurando ideias organizadas e planejadas, ter iniciativa, novas possibilidades, busca de soluções, usar o próprio potencial com habilidades renovadas, numa forma de agir e interagir no mundo. Uma visão ampla na busca do que se deseja, elaborando formas de ação em meios estratégicos aprendidos durante o percurso escolar, na melhora da aprendizagem educacional, do universitário, buscando sempre o conhecimento.

A partir da entrevista foram visualizadas as seguintes estratégias:

Quadro 2: As estratégias que o universitário com deficiência visual desenvolve e utiliza para promover sua aprendizagem.

Participante	Categoria 2: As estratégias que o universitário desenvolve e utiliza para promover sua aprendizagem.
Participante 1 – perda total da visão	Converso com o professor bem no início do semestre, explicando minha dificuldade visual. Procuo o professor, espero todo o mundo sair da sala. O professor se disponibiliza. Uso o sistema DOSVOX que é um sistema que transforma o texto em voz. Agendo com o professor a minha prova e peço ao professor para ser o leor da minha prova. Meu marido me ajuda muito nos trabalhos de aulas da universidade.
Participante 2 – perda total da visão	Procuo colegas de outros semestres, para tirar dúvida. Converso com o professor bem no início do semestre, explicando a minha dificuldade visual. Uso o DOSVOX que é um leitor de tela no computador.
Participante 3 – baixa visão	O trabalho em grupo poderá ajudar no desenvolvimento da autonomia.
Participante 4 – baixa visão	Tento resolver sozinha, pois sempre fui independente. Mas peço a um colega para explicar sobre a aula, quando preciso.
Participante 5 – baixa visão	Uso o celular, para tirar fotos. Gravo no celular as aulas. Uso a lupa. Tenho mais facilidade com o quadro negro. Vou anotando o que o professor fala durante as aulas.
Participante 6 – baixa visão	Peço o caderno emprestado. Mando aumentar meus textos em fonte vinte.

Nesta pesquisa é possível observar as várias estratégias que o universitário desenvolve e utiliza para promover a sua aprendizagem. Em um dos relatos a participante 2 prefere buscar ajuda com os colegas de outras classes, pois a universitária estuda em seu curso com a grade aberta e tem muitos colegas. Podem existir grandes possibilidades de aprendizagem, ao contato interpessoal, social e físico.

Segundo Almeida (2014), uma criança com deficiência visual aprende e se desenvolve:

No contato interpessoal, social e físico, ela descobrirá possibilidades, desejará coisas, objetivará conquistas, estabilizará associações, fará transferências, aprenderá funções, entenderá esquemas, interpretará a rede de relações que uni o homem ao “mundo” das ações e das idéias. (ALMEIDA, 2014, p. 110).

Na interação com as pessoas, objeto, ambiente, o sujeito descobrirá possibilidades, estabelecendo associações, seu potencial irá fluindo, ao contato interpessoal, social e físico, adaptando-se nas relações sociais. Mediante o desempenho no desenvolvimento pessoal poderá criar estratégias e adaptar-se nas redes relacionais, que uni o sujeito em um mundo de ideias e ações.

Com a estratégia de pedir o caderno emprestado, o participante 6 relata que: “Tenho uma amiga que me ajuda muito, peço o caderno emprestado evito o máximo pedir o professor, eu acho que estou incomodando e atrapalhando ele, pois este tem muitos alunos e ainda por cima tem que me ajudar.” Observa-se que este estudante não deseja incomodar o professor, pois resolve seus desafios procurando um colega do curso.

O trabalho em grupo poderá ajudar no desenvolvimento da autonomia, mas alguns universitários sentem uma resistência quanto ao trabalho em grupo, como por exemplo, neste relato da participante 5: “Na realidade é limitado o trabalho em grupo” devido ao momento de se expor, mas com o passar do tempo os alunos começam a se adaptarem com este trabalho. Conforme a participante 1 relata: “Trabalho de grupo no começo não participava não, mas agora já faço, mas antes eu pedia ao professor para fazer o trabalho sozinha.” Na entrevista a participante 5 relatou que não tem dificuldades em trabalhos em grupo ou de se expressar numa apresentação na sala de aula.

Em relação à troca de experiências, Vigotski (1991) explica sobre a interação com o outro e fala que, para se desenvolver, o ser humano precisa de outras pessoas, fazer trocas de interação, em uma troca com o meio. Ao se desenvolver o ser humano precisa das relações com o coletivo.

A troca de interação é muito mais que uma ação do sujeito, porque no agir, o indivíduo precisa interagir. No pensamento e na linguagem, agir e interagir em uma atitude junto ao ambiente, a pessoa irá construindo e internalizando o conhecimento.

Em alguns casos nos depoimentos da entrevista a participante 1 disse que: “Prefiro a ajuda do cônjuge, o meu marido me ajuda muito nos trabalhos de aulas. O meu marido é formado em Ciência da Computação.” Neste caso a universitária tem uma pessoa que a auxilia em casa.

Para sua comodidade as participantes 1 e 2, que possuem a perda total da visão, usam o sistema DOSVOX, elas relataram que este sistema ajuda muito e elas agradecem a tecnologia atual.

Projeto DOSVOX define: O DOSVOX é um sistema para microcomputadores da linha PC que se comunica com o usuário através de síntese de voz, viabilizando, deste modo, o uso de computadores por pessoas com deficiências visuais, que adquirem assim, um alto grau de independência no estudo e no trabalho.

Os universitários usam várias estratégias, conforme a participante 5 relata que os professores: “Preferem usar os quadros. Quando falo que não consigo entender, ele diz para eu tirar foto. E continua a escrever no quadro, copia e fala.” A participante 5 continuou a relatar: “Tenho mais facilidade com o quadro. Vou anotando o que o professor fala durante as aulas. O que eu anoto no caderno, geralmente os professores colocam nas provas.” Ao usar estas estratégias, a universitária demonstra buscar alternativas para o seu aprendizado, adaptando-se em sua melhor forma de buscar soluções necessárias à sua necessidade acadêmica.

De acordo com Afonso (2011, p. 452): “O sujeito se constitui em relação ao outro (sustentando uma “posição” na relação) e suas posições relativas se transformam não apenas em função de uma estrutura, mas, também, da sua história.” Nesta troca de experiências a participante 5 está se constituindo em relação ao outro e transformando sua história.

Em se tratando de estratégias observa-se que os universitários desenvolvem a autonomia conforme suas adaptações de aprendizagem, pois eles têm várias maneiras de se organizarem na busca de soluções, como demonstrou o quadro 02 de seus relatos colhidos nas entrevistas.

6.3 A CONTRIBUIÇÃO DA REDE DE APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

A terceira categoria para o desenvolvimento da autonomia relaciona-se com as contribuições das redes de apoio que são: a família, os professores, os colegas, local ou instituição. As redes sociais constituem-se de redes primárias e secundárias. Sanicola (2008, p. 51) explica que “as redes primárias são constituídas por laços de família, parentesco, amizade, vizinhança e trabalho. Em um conjunto, formam uma trama de relações que confere a cada sujeito identidade e sentimento de pertencer.” A rede primaria é natural ou informal, a família constitui como a

primeira experiência relacional da pessoa. As Redes secundárias formais são: instituições, organizações do mercado e organizações do terceiro setor.

A partir da entrevista são visualizadas as seguintes contribuições:

Quadro3: Rede de apoio: família.

Participante	Categoria 3: Rede de apoio: família. Inclui-se a mãe, o pai, os irmãos, os avós e conhecidos.
Participante 1 – perda total da visão	Sou filha de pais separados e morei com os meus avós. Minha mãe casou de novo e não incentivou, ela gosta de ir a festas. O meu marido ajuda muito.
Participante 2 – perda total da visão	Minha família me ajuda a ter mais autonomia, mas meus pais, sempre me prenderam muito, por medo, por proteção, mesmo o meu pai tem medo.
Participante 3 – baixa visão	Minha mãe principalmente. Dá apoio, incentiva a correr atrás dos meus objetivos.
Participante 4 – baixa visão	Fui a mais poupada e se eu estivesse com eles até hoje, estaria trancada no quarto.
Participante 5 – baixa visão	Nasci com baixa visão, minha família tinha um excesso de cuidados comigo. A família tinha medo de eu me perder.
Participante 6 – baixa visão	Minha mãe sentiu uma dor muito grande no coração, pois eu tinha que pegar ônibus sozinho. Recebo apoio de minha mãe e de minha irmã, se não fossem eles, eu não conseguiria.

No que se refere à família observa-se que alguns pais tiveram medo em deixar os filhos se locomoverem para a universidade. Uma universitária foi criada com os seus avós e teve influência do avô sobre o seu curso. Conforme relata a participante 1: “O meu avô fez Magistério e Letras, ele é professor. Sou filha de pais separados e morei com os avós. O meu avô é professor de português e inglês e com o convívio com o meu avô tive vontade de fazer um curso universitário.”

Neste exemplo da fala da participante 1, quando ela ainda era criança, observava o seu avô. Esta participante teve uma infância feliz morando com os avós, obteve acolhimento na infância e seus avós participaram de seu aprendizado.

A participante 1 relatou que seu avô sempre dialogou muito com ela, dando-lhe muita atenção, interagindo, criando um afeto amoroso, de neta para com o seu avô, nisto a universitária foi acompanhando este avô em seu dia a dia, observando o seu exemplo de vida.

Vigotski (2007, p. 12) afirma que, “Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala.” Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização no próprio comportamento. O aprendizado e o desenvolvimento de uma pessoa estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida do sujeito, sendo que o aprendizado surge primeiro e o desenvolvimento irá acontecer na medida em que a pessoa aprende. A criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, ao longo de seu desenvolvimento.

O aprendizado de uma criança acontece antes desta frequentar uma escola.

Segundo Vigotski (2007):

A fala da criança é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo. As crianças não ficam simplesmente falando o que elas estão fazendo; sua fala e ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa, dirigida para a solução do problema em questão (VIGOTSKI, 2007, p. 13).

O autor Vigotski (2007), afirma que a fala e a ação fazem parte de uma função complexa, sendo que a fala é tão importante quanto a ação, para se atingir a um objetivo. As crianças com deficiência visual podem se apropriar das significações de seu meio e participar das atividades sociais, porque o instrumento necessário neste caso é a linguagem que este possui para a interação.

A participante 4 explicou que foi muito poupada, isto a incomodava muito: “De certa forma contribuiu, fui a mais poupada e se eu estivesse com eles até hoje, estaria trancada no quarto.” A participante 4 ainda relatou que a sua mãe não passeava com ela e a fazia ficar só em casa. Assim esta participante nos seus primeiros anos de vida teve menos oportunidades de aprendizado, pois, a mesma quase não saía de casa.

Almeida (2014) afirma que:

A família é o primeiro grupo social do qual o homem faz parte. Do seu seio, o bebê emerge para o mundo. A qualidade da interação entre a criança e o grupo que forma o conjunto familiar traçará o perfil do indivíduo que vem para ocupar um lugar que é dele e que precisa ser garantido e legítimo. (ALMEIDA, 2014, p. 111)

A família é muito importante na vida de uma criança, tanto quanto na vida das pessoas adultas também, é o primeiro grupo social do sujeito no mundo. O apoio, o incentivo, a confiança, o acolhimento, são qualidades que valorizam e precisam ser

mais praticadas entre as pessoas. A qualidade de interação entre a criança e o grupo familiar vem projetar um perfil neste indivíduo, onde este se sentirá pertencente.

Participante 3: “A minha mãe principalmente. Deu apoio na minha escolha e no meu curso. O resto da família também.” No caso a participante 3 recebeu apoio da família, estimulando-a a vencer desafios. Conforme Almeida (2014, p. 111): “A família é a mola propulsora da motivação, do interesse pela vida, da coragem que alimenta sonhos e ideais.” O participante 6 disse que: “Minha mãe sentiu uma dor muito grande no coração, pois eu tinha que pegar ônibus sozinho. Até hoje se eu demoro ela liga, mas ela sempre buscou criar um filho autônomo. Todas as decisões era ela que tomava em relação a mim. Meu pai ficava mais na retaguarda e deixava minha mãe resolver.”

Na organização da família, no que relata Minuchin (2009, p. 51), lembra que: “É provavelmente algo universal na organização humana da família que a mulher torne-se o centro da vida familiar – meio administradoras, meio trabalhadoras sem salário, que arcam a sobrecarga de fazer a casa funcionar.” No caso do participante 6 a sua mãe sempre esteve por perto dele, enquanto o seu pai deixava sua mãe agir com o filho. Em nossa cultura geralmente algumas mães tomam-se maiores destaques no lar, no sentido de cuidados com os filhos, porém não existe uma regra determinada sobre este contexto, hoje este sistema está em transformações. As famílias estão em mudanças, em algumas famílias o pai se destaca nos cuidados com os filhos, em alguns casos os avós maternos ou paternos auxiliam na criação dos netos, esta relação familiar irá depender do sistema da família.

A partir da entrevista e dos relatos dos universitários com deficiências visuais, observa-se que todos eles procuram a família para contribuição como uma rede de apoio, relataram sentirem-se com maior segurança, ao contato com suas famílias, apesar de alguns dizerem que se sentiam presos e com poucas capacidades de se desenvolverem, venceram desafios, estudaram em escolas especiais, depois alguns deles foram para a escola pública e hoje, enfim, já estão estudando em uma universidade.

Rede de apoio: os professores

Quadro 4: Rede de apoio: os professores.

Participante com deficiência visual	Categoria 3: Rede de apoio: Professores
Participante 1 – perda total da visão	Eu corro atrás dos professores acho melhor falar com os professores diretamente. Eu converso com os professores, eles lêem a prova e eu vou respondendo. Eu prefiro o professor, ele está ali todos os dias, dá mais confiança.
Participante 2 – perda total da visão	Pode contribuir adaptando a aula, não dificultando, o professor passa filme legendado, falta de preparação. A inclusão está aí, mas os professores estão despreparados. O professor pode contribuir tirando os desenhos dos slides, colocando os nomes. Poderiam ter mais flexibilidade, converso com os professores, explico minha situação, alguns ficam interagidos, mas nem todos.
Participante 3 – baixa visão	Ele tem que contribuir e incentivar o aluno a aprender, os professores ainda estão muito despreparados para ajudar os alunos com deficiência, os professores estão buscando atualização, mais ou menos.
Participante 4 – baixa visão	Nem todos são flexíveis. Eu tenho medo de retaliação do professor. A gente vai ficando coagido, pela falta de experiência do professor. Eles parecem muito limitados, até onde eles podem ir. Preciso de filmes dublados e os professores, quase sempre, passam filmes legendado.
Participante 5 – baixa visão	Percebo que eles ainda não estão preparados, eles passam filmes legendados são poucos os professores que usam slides. Preferem usar os quadros. Quando usa data show suas letras são pequenas.
Participante 6 – baixa visão	E claro que o professor ajuda, mas recebo ajuda de meus colegas, tenho receio de ser marcado, por estar dando muito trabalho para o professor.

Por meio da entrevista, verifica-se que a rede de apoio dos professores demonstra estar um pouco enfraquecida, os universitários relatam que alguns dos professores estão despreparados, em questão da inclusão. Com isto, percebe-se que os estudantes não têm uma rede de apoio forte com os docentes. Diante disto o professor precisaria buscar mais conhecimentos em relação à inclusão do universitário com deficiência visual. As instituições juntamente com as políticas públicas terão que buscar maiores recursos no que se refere à inclusão do estudante que possui alguma deficiência, como por exemplo: maior orientação para os professores, no sentido didático e pedagógico.

Silva (2013, p. 51) afirma que: “O professor e as instituições de ensino na atualidade são afetados pela ampliação de suas funções em decorrência dos reposicionamentos sociais quanto à democratização do ensino superior.”

De acordo com Michels (2006 apud SILVA, 2013):

Isso faz emergir, conforme Michels (2006), a necessidade de políticas públicas que possam definir organizar e materializar mudanças no âmbito da educação, a fim de responder às demandas das “novas” tarefas da educação – com destaque para contribuições materiais (legais) em prol do avanço da educação efetivamente inclusiva no ensino superior. (MICHELS, 2006 apud SILVA, 2013, p. 51).

Com a entrada dos universitários com necessidades especiais, no âmbito acadêmico, faz-se urgente uma maior atenção, um cuidado com polidez, no intuito de inovar aprendizados especializados para os professores, com renovações pedagógicas. As políticas públicas precisarão investigar e definir, organizar, e realizar mudanças nas instituições acadêmicas, e buscar qualidade de ensino especial, para suprir as demandas dos universitários com deficiência visual.

As instituições estão em transformações buscando mais aprendizados pedagógicos, para os educando com necessidades especiais ou visuais. Segundo Silva, (2013, p. 51): “Contudo, uma dimensão que pode ser desenvolvida a depender da edição de políticas públicas refere-se ao processo de formação de professores do ensino médio ou superior.” Melhores formações para os professores, para a inclusão que seja realmente ampliada na teoria e na prática, oferecendo uma preparação profissional para os educadores, atuarem com melhores habilidades educacionais na aprendizagem.

De acordo com o relato do participante 6 que refere-se ao professor que busca conhecimento, comenta que: “Os professores que estão envolvidos na inclusão são extremamente mais sensíveis a esta questão, pois sabem acolher bastante o aluno com deficiência visual. Quando o professor, já teve alunos com baixa visão anteriormente, este já terá maiores cuidados com os próximos alunos que viram futuramente.” O participante 6 afirma que, no caso dele, está mais fácil porque alguns professores já ensinaram a alunos com baixa visão ou perda total da visão. Antigamente ou anos atrás, o participante 6 relatou que imaginava que fosse até mais difícil para os alunos que chegaram antes dele.

A participante 1 relata que: “Uma das professoras disse para mim, que a direção não havia comunicado à ela, que havia estudante com deficiência visual, na sala de aula”. A professora disse para a universitária: “Eu estou nervosa, vou te dizer: não sei o que te ensinar, não sei o que fazer.” A participante 1 disse que: “Depois a professora foi se adaptando comigo e se saiu bem.” Observa-se que a interação do aluno juntamente com o professor, abre espaço de um entendimento mútuo, o professor faz o papel de um mediador entre o estudante e o mundo que o rodeia.

O participante 6 disse que, o professor poderia ajudar, “enviando com antecedência a prova, o conteúdo”, observo que faltou uma interação do aluno com o professor. O participante 6 disse que o professor precisa: “preparar uma fonte maior nos slides, colocar cores melhores, tem uns que colocam vermelhos com roxo, eu já quase não enxergo, colocam letras pequenas, uma fonte pequena.”

Neste sentido ficou claro que existe uma falta de cuidado, de atenção em relação à aprendizagem pedagógica do professor, falta habilidades pedagógicas necessárias com uma interação com a inclusão, aos alunos com deficiências visuais. Observa-se ainda que a inclusão não está atuante nas universidades devido à falta de formação necessária para atender a demanda dos universitários com deficiências visuais.

Almeida (2014) relata:

Uma educação aberta e qualificada prepara uma criança com deficiência visual (cega ou com baixa visão) para seguir adiante, em busca de ascensão, dando-lhe autonomia, infundindo-lhe confiança, abrindo-lhe fontes de conhecimento, instigando-lhe a carga imaginativa, fomentando-lhe a força criadora. (ALMEIDA, 2014, p. 110)

Nas escolas especializadas para os alunos com deficiências visuais, os professores que lecionam nelas estão incluídos para este fim. No âmbito acadêmico, nem todos os professores estão preparados para uma didática especial, à luz da inclusão dos universitários com necessidades especiais, com formações e treinamentos para esta missão. Sabemos que a qualidade do ensino, ao universitário com deficiências visual, facilitará no aprendizado deste.

Na entrevista feita com o participante 6, este afirma: “Mas não reclamo talvez por timidez ou vergonha, eu prefiro não me expor. Se eu estivesse muito prejudicado acho que iria até para a recuperação, mas não ia dizer para o professor que ele

mude o slide. Para ser sincero eu penso que o professor não precisa fazer isto, mas se este professor fosse mais sensível, ele mesmo iria mudar, mas se o professor não tem esta sensibilidade, ele não vai fazer.”

A participante 4 relatou que usa lupa para ler e tem necessidade de assistir filmes dublados e aos professores na maioria das vezes, passam filmes legendados, ficando muito difícil entender o que se passa no filme, pois não consegue entender o que os atores falam durante o filme apresentado na sala de aula. Os alunos desejam suas necessidades resolvidas, porém os professores têm suas dificuldades também no sentido de existirem mais alunos na sala, e muitas demandas pendentes. No que se refere para uma especialização indicada ao professor, orientando-o nos desafios de ensinar os universitários com deficiências visuais.

Segundo Michels (2006 apud SILVA, 2013):

Essa formação deve ocorrer por meio de disciplinas ou tópicos que discutam a educação dos alunos em situação de deficiência além de ações interventivas diretas com esses estudantes e, finalmente, habilidades para desenvolver trabalhos em equipe, visto que o professor de um estudante em situação de deficiência deverá discutir e planejar as ações pedagógicas em conjunto com professores e/ou profissionais e serviços de apoio especializados. (MICHELS, 2006 apud SILVA, 2013, p. 51).

Os professores necessitam de maior apoio no âmbito acadêmico, para aprender como ensinar os alunos com necessidades especiais, e para estas problemáticas, fazem-se necessário, reuniões para este fim, opiniões de outros professores já interagidos na inclusão, palestras, discutirem e planejar, buscando habilidades pedagógicas, fazendo planejamento, focando objetivos, neste sistema educacional.

Neste relato o participante 6 fala sobre o conhecimento do professor em relação à deficiência visual: “Para mim é muito fácil, quando percebo que o professor é atento eu digo, professor eu tenho baixa visão e o professor fala, ah é, quanto é sua baixa visão? Então eu já sei que este professor tem interesse, mas quando o professor fala assim, você vai precisar de quê? Percebo que ele ainda não teve contato com um aluno que possui deficiência visual e não sabe qual será suas necessidades. Não é todo professor que entende ou sabe o que é baixa visão.” O participante 6 fala de sua experiência sobre a inclusão no seu curso: “Agora é que está entrando inclusão na Educação Física, para a prova prática agora que a universidade está se incluindo, mas isto é muito novo na Educação Física.”

No caminho para a inclusão numa instituição, com a responsabilidade do educador ensinar, precisará também da participação do educando buscar alternativas junto com os professores, com questionamentos, fortalecendo estes vínculos. O convívio no aprendizado e na troca mútua entre professor e estudante, facilita no desenvolvimento da autonomia do mesmo. O universitário com deficiência visual poderá se tornar uma pessoa autônoma, buscando sua independência, ao desenvolver a autonomia no ensino superior.

O participante 6 relata na pesquisa do sentimento que aparece no sujeito, como por exemplo, sobre o medo do professor e o medo do aluno: “Acho que o medo do professor flui nele, tipo uma insegurança, e o medo do aluno junto com a timidez que é o meu caso, acontecem junto. O professor não vai falar deste sentimento, talvez só pensar, e agora o que eu vou fazer? Assim surge uma questão, algo novo, ninguém falou em medo, mas este sentimento aparece, dúvidas talvez. Aquele professor que tem vontade de ajudar, mas não sabe como, tem mais vontade de atender o aluno, mas não sabem como fazer.”

Segundo Bueno (1996, p. 423), medo significa, “terror, receio”. O medo não é um objeto concreto, não se pode tocar nele, o medo é abstrato, um sentimento oculto no sujeito, que a pessoa sente, não é materialmente visto. Os universitários relataram buscar os professores também, mais alguns confessaram ficarem receosos, pois declararam serem tímidos. Na entrevista o participante 6 explica: “Procuro o SOI só na questão de ampliar os livros. As provas os professores ampliam para mim. Tenho vergonha, tenho timidez.” Este participante não desejava incomodar o professor, dizendo que, os educadores já têm muitos alunos para ensinar.

Dentre os sentimentos, receio, medo, timidez, foi relatado também o sentimento de vergonha, conforme Gaulejac (2006), foca: “A vergonha é por natureza, um sentimento sobre o qual não se fala. Exceto quando se quer dela se livrar pelo testemunho de violências humilhantes que se pode sofrer.” Este sentimento pode reprimir o sujeito em suas ações, o medo de se expor na frente de pessoas, sentir vergonha.

Segundo Gaulejac (2006, p. 230): “A vergonha é um sentimento social que diz respeito à identidade do sujeito.” Sua história de vida, suas inibições, sofrimentos, atitudes, ações, reações, internalização da vergonha no sujeito. Como por exemplo,

no que se refere à vergonha, perante o desenvolvimento do sujeito em relação ao processo de formação da mente humana.

O participante 6 fala de seus sentimentos: “Primeiro que eu sou tímido, eu tenho vergonha de chegar e falar e expor, essas coisas assim, se eu puder resolver eu acho mais cômodo eu acabo resolvendo.” No relato da entrevista, o participante 6 disse que procura evitar conversar com o professor, pois sente vergonha de se expor, perante o professor.

A vergonha é um sentimento psicológico que surge na diferença entre o eu ideal e o eu real, internalizando no sujeito, numa realidade do indivíduo que interfere em sua autoestima. Na sociedade, o sentimento da vergonha tem uma função social de controle, normas e valores, imposta socialmente, em relações de poder.

Participante 3: “Gravo no celular as aulas, mas acho que para o deficiente visual é mais limitado. Sou tímida depende do ambiente, às vezes fico à vontade, às vezes não, receio de como vai ser. Porém isto faz parte do desenvolvimento humano. Fico constrangida de falar. Eu fui vítima de *bullying* na escola. Quando criança só sabia chorar e não sabia me defender. Se a pessoa olhasse para mim, já achava que era crítica. Hoje graças a Deus consigo vencer isto. Se nem Jesus Cristo agradou e ele foi homem perfeito e mesmo assim, ele não foi aceito.”

Conforme Gaulejac (2006) afirma: “Não seria, pois, concebível pedir para as pessoas nos falarem, sem mais nem menos, de sua vergonha. ”No sentimento de vergonha, poucas pessoas falam dela, ou se expressão, a vergonha, as reações defensivas, numa forma de conviver com a vergonha na sociedade.

O participante 6 relatou ser muito tímido e de já ter sofrido *bullying* na escola, por isto fica calado e prefere não incomodar ninguém, mesmo ficando às vezes prejudicado em certas ocasiões ou na universidade, relata que: “Como sou tímido, para pedir ajuda na biblioteca, não consigo enxergar direito, então preciso pedir ajuda para as pessoas que trabalham na biblioteca e avisar que tenho deficiência visual, com baixa visão, então a pessoa vai até a estante e acha o livro para mim.”

Nesta entrevista, o participante 6 se identifica muito com um dos professores, relata que: “Tenho um professor que ele é muito bom, ele tem muita sensibilidade quanto aos alunos com deficiência visual, então a gente fica até se sentindo com a obrigação de se esforçar mais nos estudos, este professor é excepcional, pergunta se estou aprendendo, se precisa aumentar a fonte dos slides, ele tem todo o acolhimento, porque ele está incluído na inclusão. Quando não vou muito bem na

prova, fico até me sentindo mal, porque o professor tinha facilitado na aprendizagem para mim.” No que se refere ao desenvolvimento do universitário, no âmbito acadêmico, o universitário se desenvolve em contato ativo com o professor e com a aproximação dos colegas, numa troca de aprendizados e experiências acadêmicas.

De acordo com Vigotski (1991, p. 64): “A transformação é um processo interpessoal, num processo intrapessoal, é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.” Este processo virá a ser transformado, por muito tempo, em uma mudança constante, até internalizar-se totalmente ou definitivamente no sujeito.

Assim acontece com o aprendizado do sujeito na escola, que é um processo em uma construção ativa da pessoa que se transforma, internalizando os conteúdos externos em conteúdos da consciência.

Alguns universitários sentem muita confiança nos professores, outros, no entanto, sentem certo receio de se aproximarem. A participante 4 questionou sobre a flexibilidade do professor e disse que nem todos são flexíveis. A participante 4 relata que: “Nem todos são flexíveis, por exemplo: fui ao SOI, para pedir ao SOI, para mandar um e-mail para um professor, eu estava com receio de enviar o e-mail, para este professor. Então pedi ao SOI, para fazer isto por mim.” A flexibilidade, segundo Bueno (1996, p. 299) é uma: “aptidão para variadas coisas ou aplicações; submissão; docilidade.” Na mesma página, Bueno explica o que significa flexível que, segundo ele, é o “que se pode dobrar ou curvar, maleável, dócil, complacente, submisso.” Nestes termos flexibilidade é uma aptidão, mas que necessariamente nem todas as pessoas possuem, porém estamos todos em desenvolvimento humano ainda.

Os universitários relatam suas experiências de sala de aula e em suas falas dizem estarem precisando de muito apoio, acolhimento e compreensão. Conforme a participante 1 explica em uma de suas experiências: “Tive aulas de Libras e achava que não ia dar conta, mas me saí bem, pois a professora ajudou bastante.”

Rede de apoio: os colegas

Quadro 5: Rede de apoio: os colegas.

Participante	Categoria 3: Rede de apoio: Colegas
Participante 1 – perda total da visão	Eu tenho uma colega que vem na Kombi comigo e anda comigo na faculdade. Trabalho de grupo no começo não participava não, mas agora já faço, mas antes pedia ao professor para fazer sozinha.
Participante 2 – perda total da visão	Os colegas eu procuro de outros semestres, estudo em grade aberta. Aos colegas de mesma sala, não peço ajuda. No trabalho de grupo não tenho boa relação, mas tento mesmo assim, fico no resto dos grupos.
Participante 3 – baixa visão	Procuro às vezes.
Participante 4 – baixa visão	Os colegas ainda não sabem compartilhar. É muito grande este universo e mesmo assim a gente se sente sozinha.
Participante 5 – baixa visão	Tenho facilidade com pessoas da turma, algumas pessoas ajudam, emprestam os cadernos. Falta tempo para interagir.
Participante 6 – baixa visão	Resolvo comigo, família e amigos na universidade. Recebo ajuda de meus colegas, se não fossem eles, eu não conseguiria.

Em relação aos colegas uns se identificam com os mesmos, outros não, alguns dos entrevistados tem afinidades com colegas, mas nem todos têm esta afinidade. A participante 5 relatou que chega atrasada na universidade porque ela trabalha, por isto não procura muito os colegas.

O participante 6 relatou durante a pesquisa que: “Em uma matéria que é a autonomia básica eu passei raspando, mas já em outra matéria a autonomia do desenvolvimento com a ajuda de minha colega e amiga, fiquei com uma nota muito boa, 9.4.” O participante 6 afirmou que: “Ela ampliou os textos para mim, esta amiga está nas salas de aula comigo desde o primeiro semestre e aos poucos fomos construindo uma amizade e hoje estudamos juntos.”

De acordo com Rodrigues (1998, p. 299): “Reunimo-nos em família, em turmas no colégio, em clubes, em reuniões sociais, em associações profissionais, em partidos políticos, enfim, sob variadas formas nos unimos a outras pessoas e sentimos necessidade disto.” Geralmente gostamos de companhia, ou alguém ao nosso lado, na relação com os colegas, alguns universitários se identificam por afinidades, e com o passar do tempo se tornam verdadeiros amigos. Existem momentos em que procuramos as pessoas para conversar e trocar experiências, o gregarismo humano, na história da humanidade, vem deste os tempos antigos.

Quadro 6: Rede de apoio: SOI

Participante	Categoria 3: Rede de apoio: SOI
Participante 1 – perda total da visão	Procuo mais a direção do que o SOI. Pesquisei muito antes de vir para cá, a instituição oferecia um atendimento mais especializado.
Participante 2 – perda total da visão	O SOI mim levou para conhecer a universidade, eu encontro disponibilidade no SOI com maior segurança. O SOI é minha segunda casa e até já trabalhei no SOI. Eu preciso sempre de um ledor, para me auxiliar.
Participante 3 – baixa visão	Com certeza procuro o SOI. Porque é o lugar certo. Peço ampliação de livros, procuro tudo que eu preciso de adaptação.
Participante 4 – baixa visão	O SOI dá um suporte, chegar a dizer eu preciso de ajuda é um sofrimento, porque não gosto de pedir ajuda. Mas procuro conversar como os coordenadores do curso.
Participante 5 – baixa visão	Sentia muita dificuldade e quando ia encontrava o SOI sempre fechado, pois estudo a noite. Eu fui várias vezes e este estava fechado antes das 19h00min. Eu me viro sozinha e do ledor eu não preciso. Até que horas o SOI fica aberto?
Participante 6 – baixa visão	Eu preciso ir à biblioteca pegar o livro, ir ao SOI, pedir para ampliar o livro. Porque eu tenho que pagar por esta ampliação? Por que a biblioteca não dispõe de livros ampliados para nós, que temos deficiências visuais?

Quadro7: Rede de apoio que o universitário com deficiência visual utiliza.

Participante	Rede de apoio que utiliza
Participante 1	Família, Professor, Colega, SOI, Direção
Participante 2	Família, Professores, Colega, SOI
Participante 3	Família, Professores, Colega, SOI
Participante 4	Colega, SOI, Direção
Participante 5	Colega, Professores
Participante 6	Família, Professores, Colega, SOI

Na entrevista, a pesquisadora entrevistou seis universitários com deficiências visuais, sendo que cinco participantes relataram buscar o SOI. A participante 1 busca mais a direção do que o SOI. As participantes 2 e 3 entrevistadas buscam o SOI com maior frequência e se sentem à vontade nesta rede de apoio, a participante 4 falou que o SOI dá um suporte, mas não gosta de pedir ajuda. Mas procura, quando está precisando muito, o SOI e a direção. A participante 5 relatou que não busca o SOI, pois estuda à noite e não encontra o SOI aberto. O participante 6

resistiu por muito tempo buscar o SOI, dizendo ser tímido, mas hoje em dia este busca o SOI para imprimir seus textos numa fonte maior.

Percebe-se a resistência da participante 4 nesta entrevista, quanto ao fato da estudante buscar ajuda: “O SOI dá um suporte para a gente, mas chegar a dizer eu preciso de ajuda é um sofrimento, porque não gosto de pedir ajuda. De princípio eu soufr primeiro e depois tento resolver sozinha. Quando não tem jeito mesmo procuro o SOI.” A participante 4 explica: “Mas isto está mudando. Tenho medo do novo. Fui ao SOI pedir ajuda sobre um professor. Eu tenho medo de retaliação do professor. A gente vai ficando coagido pela falta de experiência do professor.”

Participante 6: Hoje eu valorizo bastante esta questão do apoio, eu conheci tantos universitários com deficiências aqui na universidade através do SOI. Fiz um treino para melhorar a leitura, eu vou ao SOI e eles digitalizam para mim com uma fonte maior.

Neste relato da participante 1 observa-se o medo do novo, do que poderá vir a ser: “Fiz a prova na instituição e passei no vestibular.No primeiro dia de aula, eu chorei muito, antes de entrar na universidade, sentia que as pessoas iam me humilhar, não iam me aceitar. Senti muito medo, medo demais, não conseguia nem falar.” A vontade de ser aceita, na sociedade e nas instituições, mas ao mesmo tempo o medo do futuro, das humilhações do outro, que são fatores que geram insegurança, exclui e compromete a autonomia do universitário.

Conforme Pereira (2006, p. 3): “A universidade, que faz parte dessa sociedade, precisa estar preparada para receber adequadamente estudantes com deficiência, bem como mantê-lo com sucesso sem barreiras que levem a constrangimento do aluno.” Neste exemplo a participante 1 teve acolhimento na instituição e com o passar dos semestres o sofrimento da participante 1 foi amenizando, substituído por empatia dos professores e colegas, que deram maior apoio à estudante. Esta barreira foi sendo reparada e com o tempo, tudo começou a fluir novamente, a participante 1 passou a se sentir mais segura, adaptando-se no meio social, sentindo-se incluída na universidade, melhorou sua autoestima com uma nova esperança no futuro.

Vigotski (1997 apud SILVA, 2013, p. 32): “Discute o impacto da deficiência social e no desenvolvimento do sujeito, posicionando o lugar que a deficiência ocupa, seja para o individuo em situação de deficiência, seja para a sociedade.” Existem dois tipos de deficiência sendo a primária, que é a biológica que caracteriza

as lesões orgânicas, celebrais e microssômicas e a secundária que inclui no desenvolvimento do sujeito, com base nas interações sociais.

Vigotski (1997):

Dizer que uma criança apresenta um “defeito” não significa obrigatoriamente que se trata de uma criança deficiente. O seu grau de deficiência é o resultado da compensação social, sendo a cegueira, a surdez e outros defeitos não constituintes, por eles próprios, de um ser defeituoso. (VIGOTSKI, 1997 apud SILVA, 2013, p. 32).

Quando uma pessoa apresenta um defeito biológico, não significa que este sujeito seja uma pessoa deficiente. Por isto o termo certo de se dizer é: a pessoa com deficiência, porque a pessoa possui uma deficiência, mas não é deficiente, portanto precisamos ter a compreensão de que, um defeito físico ou uma doença, não transforma uma pessoa em deficiente, cada pessoa tem seu potencial, com sua inteligência inata, que lhe proporciona maneiras de sobrevivências.

Quanto à instituição um dos participantes questionou sobre uma polêmica na biblioteca, no sentido de empréstimo de livros - Participante 6: “Questiono o problema de ampliar os livros, gostaria de ter a mesma igualdade, no sentido de ir à biblioteca, pegar o livro e não ter que pagar a xerox dele, gostaria de ter a igualdade de direitos.” Este mesmo participante questiona sobre seus direitos, pois este gostaria de ter os mesmos direitos dos outros alunos que não possuem deficiências visuais: “Vou ao SOI, peço pra ampliar o livro, eles entregam no pen drive, eu levo para imprimir.”

Nesta entrevista o participante 6 demonstrou muita insatisfação, pois: “O aluno com deficiência visual se quiser imprimido um livro, com letras ampliadas tem que pagar. Sendo que para outras pessoas sem deficiências visuais, não tem gastos, pegam os livros com um empréstimo e levam para casa para lerem estes livros.” Relatou novamente que, gostaria de ter seus direitos respeitados dentro da instituição: “Por isto eu questiono na igualdade de direitos. Acho que na biblioteca já poderia ter livros ampliados para nós, adaptados, um material guardado para nosso uso, sem ter que pagar por isto. Seria bem mais fácil, mais prático, porque no caso poderia ser um livro com fontes aumentadas, sem gastos, isto sim seria igualdade de direitos, para o aluno com deficiências visuais.”

Na entrevista os participantes¹ e 6 demonstraram insatisfações perante a falta de atenção ou cuidados dentro da instituição na biblioteca em não colocarem

mais facilidades para os deficientes visuais, como por exemplo, letras maiores e melhores acessibilidades: "Na biblioteca é impossível de enxergar as letras e ainda por cima elas ficam nas estantes muito altas, poderia ser de uma fonte maior."

Participante 6 disse preferir a ajuda de um colega: "Prefiro ir com um colega e este me ajuda achar o livro, neste sentido se tivesse livros adaptados para nós, seria perfeito."

6.4 DESAFIOS PERCEBIDOS PELOS UNIVERSITÁRIOS

A quarta categoria relaciona-se sobre os desafios percebidos pelo universitário. Segundo Bueno (1996 p. 190): desafio significa "uma afronta". Nas respostas adquiridas dos universitários, a partir da entrevista, são visualizadas as seguintes observações: Os universitários perante os desafios enfrentaram dificuldades e demonstraram uma força de vontade na superação em seus depoimentos.

Quadro 8: Desafios percebidos pelo universitário com deficiência visual.

Participante	Categoria 4: Desafios percebidos pelo universitário
Participante 1 – perda total da visão	Tudo era um desafio para mim. Venci muitos desafios, hoje estou em uma universidade. Já pensei em desistir no início do curso, quando estava no terceiro semestre. Este curso é minha paixão, não é agora que vou desistir.
Participante 2 - perda total da visão	No início foi um susto, mas era um sonho estar aqui. Universo novo, tudo muito novo. Eu tive que aprender a andar sozinha. Eu usava tudo em Braille, não sabia nem como ligar um computador. Descobri que sou capaz com tudo isto. As pessoas falam que eu não vou dar conta. Isto é um desafio para mim. Estou vencendo os desafios e eles só aumentam.
Participante 3 – baixa visão	Nem espero pelo os outros. Desejo ser útil, criar algo. Fui para escolas especiais, a minha mãe tirou-me destas escolas.
Participante 4 - baixa visão	Aos dezesseis anos comecei a trabalhar e estudava a noite, sempre quis ter a minha independência. Achava que não teria desafio, pois sempre me virei sozinha. Hoje todos os dias eu enfrento desafios, desde eu sentar na cadeira da sala de aula, até eu ir embora.
Participante 5 - baixa visão	Eu achava que não dava conta e as pessoas falam, não desista, Chego todos os dias atrasada porque trabalho.
Participante 6 - baixa visão	O primeiro desafio foi à questão do espaço, que é muito grande, então pensei meu Deus, como vou me soltar nesta selva? "Por causa das árvores e gramado, parecia uma selva."

A participante 5 relata que: “Não tenho dificuldade de me expressar numa apresentação de sala, ou em grupo nos trabalhos.” Esta participante demonstra autonomia, nos trabalhos em grupo, ela se interage com os colegas, para o trabalho em grupo, porém durante o semestre, a participante 5, relatou não ter muito tempo para interagir com os colegas, então ela só se interage para fazer os trabalhos acadêmicos. Pois seu tempo é limitado e corrido na universidade, já que trabalha e estuda.

De acordo com as ideias de Vigotski (1991), a interação é feita através da linguagem, sendo que o indivíduo tem o potencial de se desenvolver, interagir e produzir novas relações com o ambiente e em cooperação com os outros integrantes de seu meio, internalizando o conhecimento, em um processo que se torna, independente no sujeito, mas se este sujeito não interagir no ambiente, poderá não se desenvolver o suficiente. A interação com mediação facilita a internalização, que desta forma constrói e internaliza o conhecimento na mente.

No que tange ao espaço da universidade, todos os entrevistados relataram ser um desafio andar pelo ambiente da academia, pois para eles realmente é um grande enfrentamento estar em um lugar espaçoso e cheio de blocos acadêmicos. Um dos desafios maiores que todos os universitários com deficiências visuais enfrentam é a locomoção para chegarem até a universidade. Como por exemplo, o participante 6 relatou: “Eu pego dois ônibus para chegar até aqui, mas no início eu pegava de três a quatro ônibus até chegar à universidade. Porque estava escrito o nome da instituição eu pegava o ônibus e de repente o ônibus ia por outro lado, aí eu descia e pegava outro ônibus, até eu me localizar, pegando o ônibus certo. Localizar-me aqui dentro foi um desafio também.”

Cada depoimento realmente demonstra um enfrentamento constante para o universitário que possui deficiência visual, a participante 2 relata que: “Quando perdi a visão total, fui fazer orientação e mobilidade. O orientador me colocava no ônibus e dizia: “liga quando chegar.” Aprende a passar na faixa, chegava, dava sinal de vida e atravessava a rua, só quando escuto todos os carros pararem, eu atravesso, mas quando estava aprendendo a atravessar a rua, tinha vez que eu chegava até a metade da rua e eu voltava para trás com medo, fui perdendo o medo aos poucos.”

Em relatos surpreendentes a participante 2, com perda total da visão, fala de seus desafios “Quando perdi a visão total, no início foi um susto ficou tudo escuro. Tenho glaucoma congênito, via vultos, acabaram os vultos com os dezoito anos,

perdi toda a visão, andava sem bengala, depois com bengala, tive aulas de mobilidade. O glaucoma vem com o tempo e vai aumentando. Minha família me ajuda a ter mais autonomia.”

Histórias ricas e verdadeiras onde o universitário com deficiência visual teve encontros superando os seus limites e hoje se encontra na universidade, realizando sonhos. Como relata a participante 3 “Tive vários problemas de saúde, andei com três anos de idade, falei também com três anos de idade. A minha mãe procurou ajuda.”

Conforme Boato (2000):

Com relação ao desenvolvimento da linguagem, a criança cega pode usar por muito tempo os sons e palavras que aprende como brinquedos para estimular, quando se vê isolada em função da cegueira, e pode balbuciar por muito tempo devido o prazer que esta atividade lhe trás. (BOATO, 2000, p.25).

Sons e palavras, a criança pode balbuciar e repetir, trazendo uma satisfação um prazer, superação na fala, sendo um meio importante para a criança com deficiência visual em seu desenvolvimento.

Neste relato a participante 4 diz que: “Tomei consciência de baixa visão foi na escola. Na escola sentava na primeira carteira, mas quando estava ocupada eu ia embora. Sempre chegava bem cedo para não perder o primeiro lugar na sala de aula. Do pré até ao terceiro ano ninguém sabia de minha deficiência visual.”

Segundo Boato (2000):

Quanto à aprendizagem de palavras vai encontrar dificuldades com relação a conceitos subjetivos. Para ela, as palavras devem estar ligadas a objetos ou situações concretas e, por isso, necessita interagir de forma intensa com o meio para aumentar suas experiências e seu vocabulário. (BOATO, 2000, p. 25).

A criança vai encontrar na aprendizagem desafios e dificuldades, mas a interação com o meio contribui de forma intensa.

Cada relato da entrevista é um desafio, onde o universitário vence dificuldades, em sua história de vida: Conforme o relato do participante 6: “Quando as professoras descobriram que eu tinha deficiência visual, 3 a 4 anos de idade, a professora observou e minha mãe me levou ao médico, no exame eu não acertei

nem uma letra no teste de visão, então minha mãe ficou muito preocupada e nisto ela demorou muito para me soltar. Mas hoje ela está tranquila em relação a isto.”

Nos enfrentamentos, houve desafios e dificuldades com sofrimentos relacionados a doenças, de acordo com o relato da participante 3: “Tive autismo, síndrome. Venci tudo isto e o estrabismo. Eu era uma pessoa que se achava incapaz, mas queria um tempo de serviço, quebrei a resistência.” Mesmo com todas as afrontas, a participante 3, transformou-se numa pessoa com atitudes em agir e interagir em seu meio, na busca de suas realizações, relatou ainda: “Tenho muita sensibilidade, choro fácil.” Conforme a autora Pereira, (2006, p. 2), explica que: “Já se sabe de antemão que não é o indivíduo que precisa se adaptar a sociedade, mas sim a sociedade que precisa adaptar-se as especificidades desse sujeito.” Essa realidade ainda não é assim e percebe-se que os desafios enfrentados pelas pessoas com deficiências visuais são constantes em suas vidas.

Houve relatos surpreendentes e sofridos como, por exemplo, violência doméstica, abuso sexual, *bullying*, muito sofrimento, muitos bloqueios, conforme diz a participante 4: “Sofri violência doméstica, pois apanhei muito de meu pai, do padrasto também.” No entanto agora está acontecendo o melhor, à universitária está cursando o curso que sempre sonhou com ajuda de pessoas que não eram de sua família, conseguiu chegar até a academia. Ainda relatou que: “A primeira vez que foi no medico foi aos 14 anos de idade, tive diagnóstico de toxoplasmose, ainda no útero da minha mãe, me considero uma vencedora desde o útero de minha mãe.”

Perante aos estudantes, na entrevista percebe-se que todos os entrevistados têm uma historia de vida muito rica em experiências como relata a participante 4: “Tive estrabismo, fiz a cirurgia, depois da cirurgia minha auto estima melhorou.” As dificuldades e desafios apresentados nesta pesquisa são alguns relatos vividos na realidade de seres humanos e ricos em experiências.

Esta pesquisa buscou verificar através da entrevista, a postura do estudante no desenvolver de sua autonomia no âmbito universitário e de como este procura resolver suas dificuldades acadêmicas. Se diante dos desafios o universitário procura ajuda entre seus colegas e professores, se a família contribui para o desenvolvimento de sua autonomia, por fim questionar se o universitário com deficiência visual procura apoio na instituição que o acolhe.

Durante os relatos na entrevista com a entrevistadora, os universitários sentiam-se à vontade de falarem de si mesmo, alegres e felizes de poderem se

expressar, e por terem alguém para compartilhar com eles de seus desafios e dificuldades, de seus medos, receios, angústias e vitórias, no ensino superior, para um desenvolvimento da autonomia, na busca de uma independência na universidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados da pesquisa, foi possível observar, no que se refere à autonomia dos universitários com deficiências visuais, que todos os estudantes entrevistados se esforçam para obter um maior desempenho perante sua autonomia, onde cada universitário tem seu próprio limite de superação e precisa de um tempo para a sua adaptação na aprendizagem, que é necessária ao seu desenvolvimento de autonomia. Os universitários relataram suas percepções diante do desenvolvimento de autonomia, observou-se na pesquisa que cada estudante reage de forma diferente. Alguns participantes não se sentem totalmente autônomo, mas conseguem vencer dificuldades, no âmbito acadêmico. Em outros participantes a atitude é de confiança, e esforçam-se para superar suas expectativas quanto ao seu desenvolvimento da autonomia.

Nas estratégias que o universitário com deficiência visual utiliza para desenvolver sua aprendizagem no ensino superior, os mesmos demonstraram buscar muitas alternativas para as estratégias usadas, na busca de soluções, numa conquista diária e contínua. Dependendo também de seus limites, mas usando enfrentamentos e estratégias das quais estes se sobressaem com criatividade e mais confiança em suas habilidades pedagógicas. As estratégias usadas pelos alunos tiveram uma significativa demonstração de autonomia no desenvolvimento dos mesmos.

Na entrevista foram acionadas as redes de apoio, que são de grande contribuição ao universitário, da qual o estudante utiliza no âmbito acadêmico.

As redes de apoio mostraram que as famílias são de total importância psicológica, para o equilíbrio emocional do universitário com deficiência visual. Observou-se que as famílias têm uma força especial, no que se menciona ao afeto familiar, à proteção, dedicação e ao acolhimento e cuidados especiais para com seus filhos. Algumas famílias ainda têm muito medo do que poderia acontecer ao

universitário com deficiências visuais, preocupam-se com o percurso na locomoção de seus filhos, em caminho para a universidade, pois alguns declararam pegar ônibus, para chegar até a universidade. Observou-se também que apenas uma universitária queixou-se da família no sentido de maiores cuidados para com ela, devido a situações difíceis no lar, e uma falta de acolhimento familiar, neste caso a universitária, teve como rede de apoio amigos e conhecidos.

Na compreensão de como se dá o desenvolvimento da autonomia do universitário com deficiência visual, a partir das relações dialógicas entre professor e aluno, percebe-se que ainda existe uma resistência, por parte dos alunos, na busca de aprendizado junto com o professor. Os sentimentos de medo, receio, timidez, vergonha brotaram em suas falas, durante a entrevista, sendo que estes sentimentos impedem ao estudante, buscar mais apoio junto ao professor.

Observamos que os educadores necessitam de maiores informações e orientações. Os universitários relataram na entrevista, a falta de preparo de alguns professores, no que se refere às atividades propostas durante as aulas. Eles reclamaram quanto ao despreparo dos professores e gostariam que os mesmos se adaptassem a inclusão, buscando conhecimento pedagógico e acolhimento ao estudante com deficiência visual. Observa-se que os professores, precisarão buscar mais recursos didáticos e pedagógicos necessários às demandas dos universitários com deficiências visuais.

Analisando como o estudante universitário com deficiência visual desenvolve autonomia, em cooperação entre os colegas, percebe-se que alguns universitários procuram seus colegas, outros preferem se virarem sozinhos por diversos motivos, como por exemplo: uma universitária trabalha e não sobra muito tempo para o compartilhamento com seus colegas de sala. Uma participante prefere buscar colegas de outros semestres, pois estuda em grade aberta e tem afinidade com colegas com os quais já estudou anteriormente. Alguns universitários relataram que buscam os colegas para trocas de saberes em relação ao aprendizado. Uma universitária relatou necessitar de uma colega para se locomover na instituição, a contribuição nesta Interação do estudante com o meio social acadêmico, auxilia de forma intensa, no desenvolvimento de autonomia. Alguns afirmaram também que com o convívio diário com os colegas se tornaram verdadeiros amigos.

Em relação à identificação dos desafios e dificuldades encontradas pelos universitários para desenvolver a autonomia no ensino superior, observa-se que em

cada relato da entrevista nota-se um desafio, onde o universitário vence dificuldades no âmbito acadêmico, sendo que alguns tiveram maiores desafios para enfrentar na instituição. Suas histórias de vida, sofrimentos, angústias, conflitos, contribuem em suas vidas, no desenvolvimento humano, impulsionando-os a buscar soluções e adaptações necessárias para vencer desafios.

A aprendizagem na universidade demanda que o universitário tenha uma boa adesão, pois este precisará enfrentar obstáculos, e terá que se esforçar para não desanimar nas dificuldades que aparecerem durante o percurso na universidade. Os universitários, perante os desafios, enfrentaram dificuldades e demonstraram uma força de vontade na superação em seus depoimentos.

No apoio especializado, Serviço de Orientação Inclusiva (SOI), os estudantes disseram procurar uma ajuda neste local, alguns ainda não buscam com frequência devido ao sentimento de vergonha, ou medo de se expor. O horário de atendimento do SOI não coincide com o horário de uma universitária, participante da pesquisa, ela estuda no período da noite e relatou ter ido neste local, mas estava fechado. Observa-se que alguns universitários tentam primeiro a direção de seus cursos, buscando ajuda, mas depois eles aproximam-se do SOI, buscando benefícios necessários à suas demandas de aprendizagem, no ensino superior.

Sobre a inclusão na instituição todos os universitários falaram que esperam muito mais, gostariam de serem realmente incluídos, no que tange ao acolhimento e à didática com as práticas pedagógicas especializadas à demanda do universitário com deficiências visuais.

A inclusão de alunos com deficiência no ensino superior é ainda uma realidade recente em nossa sociedade. É uma realidade que vem crescendo sensivelmente nos últimos anos, a partir das conquistas sociais da população. De acordo com as idéias de Pereira (2006) é relevante refletirmos sobre as questões para o processo da inclusão no ensino superior, em relação às instituições, muitos estudantes criam expectativas, a termos de propostas e novos paradigmas no âmbito acadêmico, causando constrangimento, pois, desejam uma universidade renovadora com atividades pedagógicas apropriadas as suas necessidades, porém, as instituições não estão totalmente resignificadas neste momento atual.

As instituições estão a caminho de uma reforma mais atualizada neste contexto, pois têm aumentado nos últimos anos, o acesso ao ensino superior dos universitários com necessidades educativas especiais, mas ainda não é um número

muito grande, se fizermos a comparação com o número total dos universitários que entram no ensino superior, constantemente.

Diante das dificuldades encontradas nas instituições percebe-se que, na prática, poucos avanços tiveram nessa área. Os alunos chegam ao ensino superior depois de muitas dificuldades enfrentadas e querem garantia de seus direitos. A partir de uma realidade observada na pesquisa, percebe-se a dificuldade enfrentada pelos alunos com deficiências visuais durante o processo de ensino e aprendizagem na universidade. De acordo com as ideias de Pereira (2006), no ensino fundamental e médio, existem maiores discussões no que se refere à inclusão, e em relação ao ensino superior vem surgindo importantes debates e discussões em seminários e/ou espaços sociais, sobre a inclusão. Diante deste aspecto, as dificuldades acadêmicas surgem como forma de desafios a serem vencidos no ensino superior e toda pessoa tem o direito de participar de uma vida social.

A inclusão ainda é uma realidade de transformação e construção em nossa sociedade. A instituição oferece a inclusão, mas faltam muitas transformações para se completar em um ambiente que promove realmente mudanças, ao que se refere aos universitários com deficiência visual. A universidade precisa estar preparada para este novo paradigma que se apresenta diante dela. O ensino superior no Brasil vem crescendo nos últimos anos, as instituições juntamente com as políticas públicas precisarão buscar alternativas concretas no que se refere à inclusão do aluno com deficiência visual, no âmbito acadêmico.

Conclui-se que foi possível identificar através da entrevista, o movimento criativo do universitário com deficiência visual, perante as estratégias e os desafios enfrentados na instituição, pois todos os participantes mencionaram seus desempenhos sobre o seu próprio desenvolvimento da autonomia no curso superior.

Deve-se recordar que a autonomia do sujeito encontra-se em desenvolvimento na pessoa, o sujeito passa por crises e transformações modificando-se devido às vivências sociais, da qual o sujeito passa ao longo de sua vida. No que se refere à autonomia do universitário com deficiências visuais, observa-se que os estudantes entrevistados se esforçam para obter um maior desempenho perante sua autonomia, conforme seu limite existencial e sua necessidade acadêmica, adaptando-se para aprender na universidade.

Acredita-se que o presente trabalho trouxe contribuições importantes para a melhor compreensão de como se dá o desenvolvimento da autonomia do

universitário com deficiência visual no ensino superior, além de ter possibilitado um melhor conhecimento perante os desafios e dificuldades que os mesmos estudantes enfrentam no ensino superior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. G. S. **A importância da literatura como elemento de construção do imaginário da criança com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014. p. 204
- AFONSO, M. L. M. Notas sobre sujeito e autonomia na intervenção psicossocial. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 445-464, dez. 2011.
- AMIRALIAN, M. L. T. M. **Compreendendo o cego**: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias. 1997.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, editora 70, 2011.
- BOATO, E. M. **Contribuições da Teoria das Emoções e da Psicogênese de Henri Wallon na intervenção Pedagógica em crianças com deficiência mental associada a deficiência visual**. Brasília, 2000. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2000.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4 ed. Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004. In: **Direito à educação: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais: orientações gerais e marcos legais**. Ricardo Lovatto Blattes. (Org.). 2. ed . Brasília: MEC, SEESP, 2006. Acesso em: 22 abr. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**: Desenvolvendo competências para atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão. Brasília: MEC/SEESP, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado Deficiência Visual**. Brasília, DF, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Programa de Capacitação de Recursos Humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual**. Brasília, DF, 2001, v 1.
- BUENO, F. S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD: LISA, 1996.
- CARVALHO, K. M. M. [et al.]. **Visão Subnormal**: orientações ao professor do ensino regular: 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática docente no ensino superior. Centro de Educação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Santa Maria, RS, caderno 2006, n. 27. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 15 out. 2015.

CORREIA, W. Piaget: que diabo de autonomia é essa? **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.2, pp.126-145, Campinas, 2003. Disponível em: <www.curriculosemfronteiras.org> Acesso em: 22 abr. 2016.

FILHO, T. A. G. **Educação Especial e Novas Tecnologias: O Aluno Construindo Sua Autonomia**. 2002. Disponível em: <<http://infoesp.vila.bol.com.br>>. Acesso em: 24 out. 2015.

FRANCO, M. A. S. Didática: **uma Esperança para as dificuldades pedagógicas do ensino superior?** Práxis Educacional, v.9, n.15. 2013. Disponível em: <periodicos.uesb.br/...php/praxis/article/viewFile/...>. Acesso em 22 abr. 2016.

GAULEJAC, V. **As origens da vergonha**. São Paulo, SP: Via Lettera, 2006.

GONZALEZ REY. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

GUIMELLI, C. “Transformações das representações sociais: novas práticas esquemas cognitivos de base”. **Structure et transformations des representations sociaux**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1994. pp.171-98.

QUINTANA, M. **Velhos Amigos: o site da maturidade**. Disponível em: www.velhosamigos.com.br/Celebres/MarioQuintana/Acesso em: 15 mai. 2016.

MASINI, E. F. S. **O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados**. Brasília: CORDE, 1994. 161 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec / Abrasco, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª ed. – São Paulo, Hucitec, 2008.

MINUCHIN, S. **Famílias e casais: do sintoma ao sistema** / Salvador Minuchin, Michael P. Nichols. Porto alegre: Artmed, 2009.

MORIN, E. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, E. ; **O método 6. Ética**. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NEGRY, K. C. P. Situação de deficiência: **a realidade de instituições de ensino superior particulares do Distrito Federal à luz do atendimento prestado aos**

jovens estudantes com deficiência visual (cegos). Brasília, 2012. Dissertação (mestrado), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

NUERNBERG, A. H. **Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual.** Psicol. estud. [online]. 2008, vol.13, n.2, pp.307-316. ISSN 1807-0329. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200013>>. Acesso em: 16 abr. 2016

PEREIRA, M. M. **A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino superior.** Programa de pós-graduação em educação da UFRGS, Núcleo de Políticas Inclusivas da UERGS/FADERS, RS. UNI revista - Vol. 1, n° 2: (abril 2006) ISSN 1809-4651. Acesso: em 19 mai. 2016.

PETRONI, A. P.; TREVISAN DE SOUZA, V.L. VIGOTSKI E PAULO FREIRE: contribuições para a autonomia do professor. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 351-361, maio/ago. 2009. Acesso em: 22 abr. 2016.

PROJETO DOSVOX. Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: [eae<intervox.nce.ufrj.br/dosvox/>](http://eae.intervox.nce.ufrj.br/dosvox/). Acesso em: 14 jun. 2016.

RODRIGUES, A. **Psicologia Social.** Petrópolis: editora vozes. 17ª edição. 1998.

SÁ, L. V.; OLIVEIRA R. A. de. Autonomia: uma abordagem interdisciplinar. **Saúde, Ética & Justiça.** 2007; 12(1/2): 5-14.

SAMPAIO, C. T. and SAMPAIO, S. M. R. **Educação inclusiva: o professor mediando para a vida** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 16 abr. 2016

SANÍCOLA, L. **As dinâmicas de rede e o trabalho social.** São Paulo: Veras editora. 2008.

SILVA, D. S. **Adequação curricular para o universitário cego: concepção, prática e desafios.** Brasília, 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Brasília, 2013.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, **Serviço de orientação inclusiva.** Plano de Ação 2015. Brasília: UCB, 2015.

VALENTE, J. A. (Org.), **Liberando a mente: computadores na educação especial.** Campinas: UNICAMP, 1991.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Sou estudante em Psicologia nesta instituição e estou realizando uma pesquisa com o objetivo de analisar, as dificuldades do acadêmico com deficiência visual, que influenciam o processo de aprendizagem, cuja sua participação é essencial.

Dados Pessoais

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Qual o seu curso de graduação? Qual semestre se encontra?
5. Perguntas:
 - a) Enquanto estudante, você procura resolver suas dificuldades acadêmicas de que maneira?
 - b) Ao se deparar com um desafio você procura ajuda dos seus colegas e professores? Fale sobre isso.
 - c) Ao entrar em uma universidade você achava que seu desafio seria qual?
 - d) Você se considera um estudante que tem autonomia para suas tomadas de decisões e resoluções de problemas? Fale sobre isso.
 - e) Você acha que sua família contribuiu para que você fosse mais autônomo? Fale sobre isso.
 - f) Você acha que o professor pode contribuir para que o aluno possa ser autônomo. De que maneira?
 - g) Qual setor na instituição oferece um suporte para você?
 - h) Você tem procurado este setor para um apoio? Por quê? Fale sobre isso.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto: de final de curso, de psicologia, TCCII, sob a responsabilidade da Professora Andréa Dias Garzesi e da aluna Maura Augusta de Andrade. O objetivo desta pesquisa é: analisar o desenvolvimento da autonomia dos universitários que possuem alguma deficiência visual, podendo ser baixa visão ou perda total da visão, durante o processo de aprendizagem. Esta pesquisa justifica-se, pois, se trata de uma pesquisa que visa análise e aprofundamento da temática abordada.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo por meio da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). O Senhor (a) pode se recusar a responder qualquer questão (no caso da aplicação de um questionário) que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o (a) senhor (a).

A sua participação será da seguinte forma, será aplicada uma entrevista semiestruturada e individual, com perguntas sobre o desenvolvimento de autonomia. O tempo estimado para sua realização: 40 minutos.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição UCB, no serviço de orientação inclusiva, SOI, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o (a) Senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, telefone para: Prof. _____, na instituição _____
telefone: _____, no horário: _____.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o voluntário da pesquisa.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável

Nome / assinatura

Brasília, ___ de _____ de _____.

TCLE com mais de uma folha: Na eventualidade do TCLE apresentar mais de uma folha, deverá constar por escrito que estas deverão ser rubricadas pelo sujeito da pesquisa ou responsável e pelo pesquisador responsável.